

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA KORROSKY GARCIA OBERHOFER

A IMAGEM DE JAIR BOLSONARO: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO MUDIÁTICA
DO PRESIDENCIÁVEL NAS REVISTAS VEJA, ÉPOCA E ISTOÉ

CURITIBA

2019

GABRIELA KORROSKY GARCIA OBERHOFER

A IMAGEM DE JAIR BOLSONARO: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO MUDIÁTICA
DO PRESIDENCIÁVEL NAS REVISTAS VEJA, ÉPOCA E ISTOÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Aryovaldo de Castro Azevedo Junior

CURITIBA
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

NOME DO ALUNO(A): GABRIELA KORROSKY GARCIA
OBERHOFER

TÍTULO: A imagem de Jair Bolsonaro: uma análise da construção
midiática do presidenciável nas revistas Veja, Época e Isto é.

LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,
realizada na sala 5, no dia 04/12/19, às 11h00.

BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES	NOTA
ARYOVALDO DE CASTRO AZEVEDO JR (orientador)	92
LUCIANA PANKE	92
ERICA CRISTINA VERDERIO BIANCO (convidada)	92
MÉDIA FINAL:	92.

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
ARYOVALDO DE CASTRO AZEVEDO JR	
LUCIANA PANKE	
ERICA CRISTINA VERDERIO BIANCO	

Curitiba, 04 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, meus pais Alex e Vanessa, e minha irmã Isabela, por terem me apoiado e não terem desistido de mim nesta trajetória que se finda depois de seis anos.

Agradeço ao meu namorado, Vinicius, por ter cedido bem mais do que seu tempo, mas também seu carinho e cuidado, essenciais na reta final deste projeto.

Agradeço a todos os meus amigos - de Santa Maria, de Curitiba e de Lisboa - pelas histórias que vivemos juntos nesse caminho e, com toda certeza, serão motivo de muita risada dos meus filhos daqui a dez anos.

Agradeço às minhas três cadelas, Pitoca, Guria e Chiquinha, e a minha gata, Cavel, por sempre permanecerem ao meu lado e deixarem minha vida mais leve.

Agradeço à Universidade Nova de Lisboa por ter me proporcionado a disciplina de introdução à semiótica, assunto sem o qual esse projeto não iria se concretizar.

Agradeço profundamente ao sistema público de ensino brasileiro pela formação em um curso superior de qualidade máxima e totalmente gratuito. Nesse sentido, devo agradecer não só a Universidade Federal do Paraná, instituição na qual finalizo com louvor meu curso, mas também à Universidade Federal de Santa Maria, minha faculdade de origem e a qual sou imensamente grata.

Por fim, não posso deixar de agradecer ao Professor Ary, por ter me dado liberdade para desenvolver esse projeto, me guiando e orientando da melhor forma possível.

“É como nas grandes histórias, Sr. Frodo.
As que realmente tem importância.
Repletas de escuridão e perigo.
E, às vezes, você não queria saber o fim... por que como podiam ter um final feliz?
Como o mundo podia voltar a ser o que era...depois que tanto mal aconteceu?
Mas, no fim, é só uma coisa passageira... essa sombra.
Até a escuridão tem de passar.
Um novo dia virá.
E quando o sol brilhar, brilhará ainda mais forte.
Eram essas histórias que ficavam na lembrança...que significavam algo.
Mesmo que você seja pequeno demais para entender por quê.
Mas eu acho Sr. Frodo, que eu entendo, sim.
Agora eu sei.
As pessoas destas histórias... tinham várias oportunidades de voltar atrás, mas não voltaram.
Elas seguiram em frente... porque tinham no que se agarrar.”

RESUMO

O presente projeto teve como objetivo investigar o posicionamento político assumido pelas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, na construção da imagem de Jair Bolsonaro durante o período pré-eleitoral e eleitoral. Para tanto, foram selecionadas capas que continham exclusivamente a figura de Jair Messias Bolsonaro no período que se inicia um ano antes das votações - em outubro de 2017 - e se estende até sua eleição - no final de outubro e início de novembro de 2018. Posteriormente, as capas das citadas revistas foram analisadas à luz da Semiótica Visual, com objetivo de verificar de que forma o posicionamento se estabelece visualmente. Depois, com as sinopses das reportagens de cada edição, objetivou-se indicar a perspectiva assumida pelas revistas nas matérias e também comparar o posicionamento visual e textual de cada uma delas. Quanto a isso, os resultados mostraram que o ponto de vista dos periódicos no geral ficou bem dividido, com seis revistas contrárias, cinco favoráveis e uma neutra. Por outro lado, os conteúdos das capas e das reportagens convergiram o seu posicionamento em 9 das 12 edições analisadas.

Palavras-Chave: Semiótica Visual. Comunicação Política. Eleições. Jair Bolsonaro.

ABSTRACT

This project aimed to investigate the media positioning assumed by *Veja*, *IstoÉ* and *Época* magazines in the construction of Jair Bolsonaro's image during the pre-election and electoral period. Therefore, covers containing exclusively the figure of Jair Messias Bolsonaro were selected in the period between October 2017 - one year before the presidential polls - and late October/early November 2018 - time of his election. Subsequently, the covers of these magazines were analyzed in the light of Visual Semiotics, in order to verify how the positioning is established visually. Then, with the synopses of the stories in each issue, the objective was to indicate the perspective taken by the magazines in the articles and also to compare the visual and textual positioning of each one of them. In this regard, the results showed that the point of view of the magazines in general was well divided, with six contrary, five favorable and one neutral. On the other hand, the contents on the covers and stories converged their position in 9 out of 12 editions analyzed.

Keywords: Media positioning. Visual Semiotics. Elections. Jair Bolsonaro.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - VEJA: A AMEAÇA BOLSONARO.....	31
FIGURA 2 - ISTOÉ: PERIGO. ELE PODE SER PRESIDENTE.....	36
FIGURA 3 - ÉPOCA: O HOMEM DE XIRIRICA.....	40
FIGURA 4 - VEJA: BOLSONARO CRESCE. E ASSUSTA.....	44
FIGURA 5 - ISTOÉ: FAKE NEWS DE BOLSONARO.....	48
FIGURA 6 - ISTOÉ: ASSIM NÃO!.....	51
FIGURA 7 - VEJA: A FACADA DA INTOLERÂNCIA.....	55
FIGURA 8 - ISTOÉ: DE ONDE VEM A ONDA CONSERVADORA?.....	59
FIGURA 9 - VEJA: SERÁ ISSO MESMO?.....	63
FIGURA 10 - TIO SAM.....	65
FIGURA 11 - ÉPOCA: POR DENTRO DA MENTE DE BOLSONARO.....	67
FIGURA 12 - VEJA: COMO BOLSONARO CHEGOU LÁ.....	71
FIGURA 13 - ISTOÉ: O AMBIENTE, AS EXPECTATIVAS E O CLIMA DE MEDO NO PAÍS QUE UNGIU O PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO.....	74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - METAFUNÇÃO IDEACIONAL.....	24
QUADRO 2 - METAFUNÇÃO INTERACIONAL.....	27
QUADRO 3 - METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL.....	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	Objetivo Geral.....	16
1.1.2	Objetivos Específicos.....	16
1.2	JUSTIFICATIVA.....	16
1.3	HIPÓTESE.....	17
1.4	METODOLOGIA.....	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	SEMIÓTICA VISUAL SOCIAL.....	19
2.1.1	Panorama Geral.....	19
2.1.2	Metafunção Ideacional.....	21
2.1.2.1	Representações Narrativas.....	22
2.1.2.2	Representações Conceituais.....	23
2.1.3	Metafunção Interacional.....	24
2.1.3.1	Contato.....	25
2.1.3.2	Distância Social.....	25
2.1.3.3	Atitude.....	26
2.1.4	Metafunção Composicional.....	28
2.1.4.1	Valor de Informação.....	28
2.1.4.2	Saliência.....	29
2.1.4.3	Estruturação.....	29
3	ANÁLISES	31
3.1	VEJA: A AMEAÇA BOLSONARO.....	31
3.1.1	Análise Semiótica.....	31
3.1.1.1	Metafunção Ideacional.....	32
3.1.1.2	Metafunção Interacional.....	32
3.1.1.3	Metafunção Composicional.....	33
3.1.2	Sinopse.....	34
3.1.3	Síntese.....	34
3.2	ISTOÉ: PERIGO. ELE PODE SER PRESIDENTE.....	36

3.2.1	Análise Semiótica	36
3.2.1.1	Metafunção Ideacional	36
3.2.1.2	Metafunção Interacional.....	37
3.2.1.3	Metafunção Composicional.....	37
3.2.2	Sinopse	38
3.2.3	Síntese.....	39
3.3	ÉPOCA: O HOMEM DE XIRIRICA	40
3.3.1	Análise Semiótica	40
3.3.1.1	Metafunção Ideacional	40
3.3.1.2	Metafunção Interacional.....	41
3.3.1.3	Metafunção Composicional.....	41
3.3.2	Sinopse	42
3.3.3	Síntese.....	42
3.4	VEJA: BOLSONARO CRESCE. E ASSUSTA	44
3.4.1	Análise Semiótica	44
3.4.1.1	Metafunção Ideacional	45
3.4.1.2	Metafunção Interacional.....	45
3.4.1.3	Metafunção Composicional.....	45
3.4.2	Sinopse	46
3.4.3	Síntese.....	46
3.5	ISTOÉ: FAKENEWS DE BOLSONARO.....	48
3.5.1	Análise Semiótica	48
3.5.1.1	Metafunção Ideacional	49
3.5.1.2	Metafunção Interacional.....	49
3.5.1.3	Metafunção Composicional.....	49
3.5.2	Sinopse	50
3.5.3	Síntese.....	50
3.6	ISTOÉ: ASSIM NÃO!	51
3.6.1	Análise Semiótica	51
3.6.1.1	Metafunção Ideacional	52
3.6.1.2	Metafunção Interacional.....	52
3.6.1.3	Metafunção Composicional.....	52
3.6.2	Sinopse	53
3.6.3	Síntese.....	54

3.7	VEJA: A FACADA DA INTOLERÂNCIA.....	55
3.7.1	Análise Semiótica	55
3.7.1.1	Metafunção Ideacional.....	56
3.7.1.2	Metafunção Interacional.....	56
3.7.1.3	Metafunção Composicional.....	56
3.7.2	Sinopse	57
3.7.3	Síntese.....	57
3.8	ISTOÉ: DE ONDE VEM A ONDA CONSERVADORA?	59
3.8.1	Análise Semiótica	60
3.8.1.1	Metafunção Ideacional.....	60
3.8.1.2	Metafunção Interacional.....	60
3.8.1.3	Metafunção Composicional.....	60
3.8.2	Sinopse	61
3.8.3	Síntese.....	61
3.9	VEJA: SERÁ ISSO MESMO?	63
3.9.1	Análise Semiótica	63
3.9.1.1	Metafunção Ideacional.....	64
3.9.1.2	Metafunção Interacional.....	64
3.9.1.3	Metafunção Composicional.....	65
3.9.2	Sinopse	65
3.9.3	Síntese.....	66
3.10	ÉPOCA: POR DENTRO DA MENTE DE BOLSONARO.....	67
3.10.1	Análise Semiótica	67
3.10.1.1	Metafunção Ideacional	68
3.10.1.2	Metafunção Interacional	68
3.10.1.3	Metafunção Composicional	68
3.10.2	Sinopse	69
3.10.3	Síntese.....	69
3.11	VEJA: COMO BOLSONARO CHEGOU LÁ	71
3.11.1	Análise Semiótica	72
3.11.1.1	Metafunção Ideacional	72
3.11.1.2	Metafunção Interacional	72
3.11.1.3	Metafunção Composicional	72

3.11.2	Sinopse	73
3.11.3	Síntese.....	73
3.12	ISTOÉ: O AMBIENTE, AS EXPECTATIVAS E O CLIMA DE MEDO NO PAÍS QUE UNGIU JAIR MESSIAS BOLSONARO.....	74
3.12.1	Análise Semiótica	74
3.12.1.1	Metafunção Ideacional	75
3.12.1.2	Metafunção Interacional	75
3.12.1.3	Metafunção Composicional	75
3.12.2	Sinopse	76
3.12.3	Síntese.....	76
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS	80
	ANEXO A – VEJA: A AMEAÇA BOLSONARO.....	82
	ANEXO B – VEJA: BOLSONARO CRESCE. E ASSUSTA.....	89
	ANEXO C – VEJA: A FACADA DA INTOLERÂNCIA	95
	ANEXO D – VEJA: SERÁ ISSO MESMO?	99

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo o Brasil vive um período de turbulência política: depois das manifestações de junho de 2013, que paradoxalmente reuniram grupos totalmente dissonantes, o país começou a caminhar para um completo acirramento de divisões ideológicas. Segundo Bruno Torturra (2017), as manifestações de junho de 2013 representaram “um fenômeno comunicacional com implicações políticas, mais do que um fenômeno político com implicações comunicacionais” (TORTURRA apud CHARLEAUX, 2017, p.3)

Em outras palavras, acredita-se que a movimentação nas ruas naquele ano - e também nos anos seguintes - foi fortemente instigada pela chamada mídia tradicional. De 2014 a 2016, por exemplo, grandes veículos de comunicação centralizaram suas pautas na figura da até então presidenta Dilma Rousseff (MESSAGI JR., 2019). Sobre o assunto, o sociólogo Laymert Garcia dos Santos afirma que os oligopólios de comunicação enfeitam a população com narrativas restritas que deixam de retratar a realidade do todo: “A mídia é parte ativa na criação de versões e ficções sobre o que acontece. O que é de fato real soçobra” (SANTOS apud MELLO, 2015, p.2).

Dessa forma, é possível entender como a crença na capacidade de manipulação da mídia, amplamente divulgada pela Teoria da Agulha Hipodérmica, ainda hoje têm seus adeptos. A teoria, que de fato foi muito aceita à época do seu lançamento no período entreguerras, pregava que a mensagem transmitida pela mídia era como a “injeção de uma seringa hipodérmica” na grande massa - a qual, sem resistência, aceitava os padrões de comportamento impostos. Além disso, postulou a chamada Teoria da Propaganda: a convicção de que os grandes sistemas de comunicação eram utilizados como ferramentas para pulverização de ideias capazes de influenciar a opinião da massa de acordo os interesses de uma seleta elite econômica (CHOMSKY; HERMAN, 1988 apud ENOCH, 2016).

Embora posteriormente esse modelo tenha sido considerado simplista ao descartar o papel do receptor no processo comunicacional, é inegável que o mesmo serviu como base para formulação de outras tantas teorias. Entre a chamada grande massa, inclusive, a noção da existência de uma mídia manipuladora tem se acentuado de forma relevante. Em nível nacional, o fortalecimento dessa consciência foi indubitavelmente percebido em 2018 durante as eleições presidenciais.

Eleitores de diferentes partidos, sejam politicamente posicionados à esquerda ou à direita (POWER; ZUCCO, 2011 apud AMARAL, 2018), frequentemente expuseram sua insatisfação nas redes sociais frente ao suposto corrompimento da identidade de certas figuras presidenciais por parte dos grandes conglomerados midiáticos. Por consequência, a percepção da imagem desses mesmos candidatos por parte dos eleitores era alterada. É importante ressaltar que identidade e imagem andam juntas; afinal, todo discurso atribuído à identidade de um indivíduo, gera pelo menos uma representação do próprio (ROS, 2017).

É sabido que dentro da comunicação, especialmente no campo jornalístico, um dos princípios idealizados é o caráter neutro que se deve assumir: a isenção de posicionamentos é essencial para garantir que o próprio leitor tire suas conclusões de certa informação (NÉVEU, 2001 apud GUEDES, 2009). No entanto, também não é segredo para ninguém que por detrás de cada jornalista existem vastos conglomerados de comunicação que instituem seus próprios interesses - sejam eles econômicos ou políticos.

A Teoria do Gatekeeper, proposta por David Manning White há mais de 50 anos, muito contribui para entender esse contexto. O conceito sugere que “o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas” (WEBER, 2010, p.6) por parte do jornalista, e é ele - o *gatekeeper* - “quem tem direito de decidir se uma notícia vai ser transmitida ou retransmitida de uma maneira ou de outra” (WEBER, 2010, p.6). Por consequência, a manifestação de juízo de valor sobre determinado assunto faz parte da rotina e se torna indeclinável para certos profissionais.

Tendo em vista essa conjuntura, o presente projeto se ocupou de investigar o posicionamento midiático assumido pelas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, na construção da imagem do, até então, candidato Jair Bolsonaro. Como dito anteriormente, a comunicação jornalística parte de uma premissa de neutralidade, portanto era improvável que o posicionamento defendido estivesse explícito, principalmente em se tratando de textos visuais. Sendo assim, com intuito de analisar para além das superficialidades do *layout*, foi utilizado como referencial teórico para a investigação das capas a Semiótica Visual, proposta por Kress e Van Leeuwen (2006). Já o conteúdo das reportagens não passou pelo crivo técnico de um referencial teórico específico, apenas foi sintetizado em breves sinopses que posteriormente foram comparadas com o conteúdo das suas respectivas capas. Logo, os problemas que

conduziram a pesquisa foram: o que a teoria da Semiótica Visual revela sobre o posicionamento das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* acerca do presidenciável Jair Bolsonaro? O conteúdo visual das capas das já citadas revistas condiz com o conteúdo textual das reportagens correspondentes?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar, sob o prisma da Semiótica Visual, qual o posicionamento adotado por três revistas brasileiras de grande circulação na construção da imagem do candidato Jair Bolsonaro durante o período das eleições de 2018.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar, à luz da teoria Semiótica Visual, quais as representações adotadas em cada capa e de que forma o posicionamento das revistas se estabelece visualmente.
- Indicar qual a perspectiva assumida pelas revistas nas reportagens que destrincham as capas.
- Observar convergências e divergências entre o posicionamento visual e textual de cada uma das edições publicadas.
- Destacar as oscilações de representação e de ponto de vista das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* ao longo do período eleitoral de 2018.
- Salientar as semelhanças e diferenças entre as três citadas revistas.

1.2 JUSTIFICATIVA

A consciência de manipulação da mídia cresceu de forma acentuada na sociedade brasileira: boa parte do conteúdo veiculado por grandes conglomerados comunicacionais é julgado como corrompido. Ainda que seja conhecida a capacidade de persuasão ideológica da mídia, o nível de culpabilidade que o público vem atribuindo a ela mostra-se muitas vezes de forma infundada.

Isto é, as pessoas creem que estão sendo manipuladas a todo momento, porém a motivação dessa crença se baseia principalmente na discordância do público com a veiculação de determinadas notícias. A preocupação em verificar se há verdadeiramente uma deturpação sobre certo assunto é deixada de lado. Sendo assim, se prova necessário a abordagem da teoria da Semiótica Visual com propósito de suscitar uma discussão objetiva e acadêmica acerca do tema.

O período escolhido como objeto de análise foi, propositalmente, um que gerou muito debate a respeito de manipulação de informação e alienação eleitoral. Marcado por reviravoltas, as eleições presidenciais de 2018 são, por si só, um recorte interessante para investigação. No entanto, o foco em Jair Bolsonaro, se deve principalmente ao fato do candidato ter dividido opiniões e, apesar de toda polêmica em torno de sua figura, ter sido eleito presidente. Aliás, mais do que apenas polêmica, é indiscutível que foi construída, midiaticamente, uma dualidade significativa em torno dos valores e, essencialmente, da imagem de Bolsonaro.

Dessa forma, a análise sob o prisma da já citada teoria teve como objeto principal as capas, e de objeto secundário as reportagens de três revistas brasileiras de grande tiragem: somadas, *Veja*, *IstoÉ* e *Época* ultrapassam 785.00 mil exemplares semanais na mídia impressa¹. Dadas as estatísticas, é notável a relevância das mesmas na formação da opinião pública.

A investigação foi pertinente para constatar não só o posicionamento legitimado por cada uma delas, mas também até que ponto a linguagem visual corrobora com a linguagem textual. Foi possível ainda notar como a representação de Jair Bolsonaro se transformou ao longo do período de eleições (pré-eleitoral e eleitoral) em cada revista, e quais as semelhanças e diferenças que as três compartilharam neste processo.

1.3 HIPÓTESE

¹ Dados disponíveis no Mídia Kit de 2019 de cada revista.

Época. Disponível em <<http://anuncie.infoglobo.com.br/editora-globo/marcas/epoca.html>>. Acesso em 06 de nov. 2019.

Veja. Disponível em <http://publiabril.abril.com.br/midia_kits>. Acesso em 06 de nov. 2019.

IstoÉ. Disponível em <http://www.editora3.com.br/downloads/2019/midiakit_istoe.pdf>. Acesso em 06 de nov. 2019.

1 As revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* se posicionam em prol do presidencialista Jair Bolsonaro, porém de forma não explícita.

2 As imagens que estampam as capas não corroboram integralmente o texto de apoio e o conteúdo das reportagens.

3 As revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* retratam a figura de Jair Bolsonaro de forma semelhante.

1.4 METODOLOGIA

A abordagem metodológica desta pesquisa é qualitativa. Além disso, o propósito do projeto é de natureza descritiva, verificando como a teoria de Semiótica Visual se aplica ao objeto escolhido.

Primeiramente, foi feito um levantamento bibliográfico do assunto, explorando de maneira mais aprofundada a teoria citada. Após o desenvolvimento do embasamento teórico, a parte prática da pesquisa teve início com a coleta de matérias das revistas semanais *Veja*, *IstoÉ* e *Época* entre os dias 11/10/2017 e 01/11/2018. O critério para seleção foi que as capas contivessem exclusivamente a figura de Jair Bolsonaro, sem nenhum outro ator político.

Após esta fase, foi realizada a análise das capas sob o prisma da Semiótica Visual, e sintetização das reportagens em breves sinopses. Quanto a primeira teoria, foi levado em conta todas as metafunções propostas: ideacional, interacional e composicional.

Finalizado este processo, os dados obtidos foram apurados e comparados. Buscou-se verificar a ocorrência de determinadas metafunções e enunciados em detrimento de outros, bem como divergências entre o posicionamento visual e textual de cada edição. Além disso, foram confrontados os resultados das três revistas, de modo a destacar diferenças e semelhanças nas representações escolhidas por cada uma. Foi explicitada, também, a evolução dos posicionamentos durante o período de analisado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SEMIÓTICA VISUAL SOCIAL

2.1.1 Panorama Geral

“Uma imagem vale mais que mil palavras”, Confúcio certa vez disse. Mesmo em um tempo abissalmente diferente do nosso, a frase perpetuada pelo filósofo chinês nunca fez tanto sentido. Em uma sociedade pautada pela facilidade de acesso a câmeras em *smartphones*, além de redes sociais concebidas exclusivamente na exibição de fotografias, o consumo de imagens se apresenta de forma cada vez mais eminente no mundo em que vivemos.

Compreendendo esse cenário, alguns pensadores já se propuseram a estudar mais a fundo a comunicação visual. Isto é, mais do que enunciar aspectos relacionados à diagramação e *layout*, para esses autores é preciso absorver o conceito de “comunicação” - que compõe o termo “comunicação visual” -, assimilando, dessa forma, o caráter linguístico da imagem. Sendo assim, tal como a verbal, a linguagem visual pode ser estudada sob a lente da semiótica e a imagem, finalmente, ser encarada como signo.

Entretanto, nem tudo é consenso no campo da semiótica visual. Barthes, por um lado, afirma que “o significado visual é muito indefinido” (BARTHES apud KRESS; VAN LEEUWEN, p.18) e depende sempre do amparo do texto verbal para delimitar o sentido. Em contrapartida, Kress e Van Leeuwen afirmam (2006) que esse tipo de pensamento é fruto de uma supressão da linguagem visual em detrimento da verbal nas sociedades ocidentais, que, por sua vez, acabou criando também uma supressão do tema em âmbito acadêmico, dificultando as discussões sobre as representações visuais pela sociedade como um todo. Os autores acreditam que o significado de uma imagem tem valor por si só - sem necessidade de amparo verbal.

É nesse contexto que eles propõem um estudo sistematizado do assunto através da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). O trabalho desenvolvido pelos autores procura precisamente subverter a posição sufocada que a linguagem visual foi obrigada a assumir, formulando uma abordagem que reflete sobre a construção do signo visual, as relações entre significantes e significados, e também o papel dos “*sign-makers*” neste processo complexo. Os “fazedores de

signo”, em tradução literal livre, são os participantes ativos: um texto visual sempre decorre do interesse momentâneo dos “*sign-makers*” ao representar um objeto, além do complexo condensado cultural, social e psicológico que possuem. Uma criança ao atribuir significado a um desenho qualquer (significante) assume, por exemplo, o papel de “*sign-maker*” no processo de construção deste signo.

No decorrer de todo o percurso textual, Kress e Van Leeuwen estabelecem pontos de vista particulares sobre a semiótica social e a comunicação visual. Eles defendem o processo de construção do signo “in which the signifier (the form) and the signified (the meaning) are relatively independent of each other until they are brought together by the sign-maker in a newly made sign” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.8).²

Portanto, o signo para os autores é sempre motivado e não arbitrário, não só na linguagem visual, mas também na escrita, ao afirmarem que “language is no exception to this process of sign-making. All linguistic form is used in a mediated, non-arbitrary manner in the expression of meaning” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.9).³ Dessa forma, eles refutam a ideia de arbitrariedade proposta por Saussure (1969), defensor de uma relação intrínseca e imotivada entre significado e significante.

De qualquer maneira, não é intenção dos autores importar teorias linguísticas diretamente para a linguagem visual e criar análogos entre ambas. O que Kress e Van Leeuwen (2006) realmente intencionam é perceber como os dois modos semióticos, através de suas estruturas e características próprias, conseguem criar o mesmo efeito de sentido. Através de referências visuais que são majoritariamente textos-objeto da cultura ocidental, os autores colocam em pauta a comunicação visual através de uma lente semiótica.

Isso significa dizer que mais do que um manual de comunicação que se apega a estruturas significantes como cor, diagramação e perspectiva, a teoria da semiótica visual social também se ocupa de investigar “the way in which these forms are used

² “na qual o significante (forma) e o significado (conteúdo) são relativamente independentes um do outro até o momento em que são unidos pelo *sign-maker* em um signo completamente novo.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.8, tradução da autora).

³ “a linguagem não é exceção a este processo de construção do signo. Toda forma linguística é usada de maneira mediada e não-arbitrária na expressão do significado.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.9, tradução da autora).

to realize meanings ('signifieds') in the making of signs" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.6).⁴

Para que seja possível compreender a estruturação da teoria em si, é preciso primeiramente compreender a influência do contributo teórico de Michael Halliday. Os autores adotaram a noção teórica de metafunção presente no trabalho de Halliday (1985), passível de ser aplicado em qualquer modo semiótico, e que delimita três conjuntos de metafunções: ideacional, interpessoal e textual. A primeira função lida com as relações entre os participantes representados em determinado texto. A segunda trata das relações entre produtor, receptor e o próprio texto. Já a nível textual, a preocupação é com os diferentes arranjos composicionais e seus variados significados em um texto.

Posto isto, serão elucidados, nos tópicos a seguir, os conceitos fundamentais de cada metafunção.

2.1.2 Metafunção Ideacional

Essa metafunção diz respeito aos participantes (pessoas, lugares, objetos) representados dentro de uma composição e as relações que eles mantêm entre eles dentro dela. Ou seja, se em uma imagem o participante é ativo ou passivo em algum evento, a classificação será diferente de quando ele apenas posa deliberadamente para o público sem realizar nenhuma ação. Com base nisso, a metafunção ideacional, que pode ser classificada em várias categorias, ao passo que nesta pesquisa o foco se concentrou nas representações narrativas e conceituais.

[...] visual structures of representation can either be narrative, presenting unfolding actions and events, processes of change, transitory spatial arrangements, or conceptual, representing participants in terms of their more generalized and more or less stable and timeless essence, in terms of class, or structure or meaning. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.79).⁵

⁴ "a maneira pela qual essas formas são usadas para conceber significados na construção dos signos." (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.6, tradução da autora).

⁵ "estruturas visuais de representação podem ser tanto narrativas, apresentando ações e eventos em curso, processos de mudança, disposições espaciais transitórias, ou conceituais, representando participantes em termos da sua essência mais generalizada, ou mais ou menos estável e atemporal, em termos de classe, de estrutura ou de significado." (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006, p.79, tradução da autora).

Sendo assim, as classificações a seguir são sistematizadas conforme a relação que é mais predominante na imagem.

2.1.2.1 Representações Narrativas

Sendo assim, as representações narrativas se caracterizam pela presença de atores, metas e vetores. Ator é aquele que mantém uma relação, através do vetor, com sua meta. Em comparação com a linguagem verbal, pode-se dizer que o ator é o sujeito, a meta é objeto e o vetor é o verbo. Dependendo do tipo de relação estabelecida, essa imagem pode ser classificada dentro das representações narrativas em processos de Ação, Reação, Verbal, Mental, Conversão, Geometrismo Simbólico ou Circunstâncias. Por razões de relevância para o presente projeto de pesquisa, apenas serão destacados os dois primeiros.

Assim, o processo de Ação é marcado pela presença do vetor, podendo este se combinar com o ator e a meta de pelo menos três maneiras diferentes.

Por exemplo, quando uma representação visual tem apenas o ator e o vetor, o processo é não transacional visto que não há uma meta clara - pelo menos não que possa ser vista na imagem. É análogo a um verbo intransitivo. Já quando a presença do ator é elipsada, meta e vetor se combinam em um processo chamado de evento: algo que está acontecendo com alguém ou alguma coisa, mas não visualizamos quem realiza este ato na imagem. Pode ser comparado com frases de ação passiva. Por outro lado, quando tanto ator, meta e vetor estão presentes, há o que se chama de processo transacional. Pode ser comparado com frases formadas por verbos transitivos. A nível transacional, é possível haver ainda processos bidirecionais ou unidirecionais. Os primeiros preveem a troca constante no papel de Ator e Meta, seja de forma sequenciada ou de forma simultânea. O processo unidirecional, como o próprio nome revela, estabelece um sentido único de atuação.

Saindo do processo de Ação, o próximo modo relevante a ser mencionado é o de Reação: ele é caracterizado pelo olhar, ou melhor, pela direção do olhar de um ou mais participantes representados. O reator será aquele que dirige esse olhar e, necessariamente, deve ser humano ou ter características humanas. O reator observa um fenômeno, sendo que o mesmo pode ou não estar aparente na imagem. Dessa forma, quando o fenômeno para o qual o reator dirige o olhar não é visível na imagem trata-se de um processo reacional não-transacional. O oposto, processo reacional

transacional, resulta de uma imagem em que tanto reator, quanto fenômeno estão evidentes.

2.1.2.2 Representações Conceituais

Diferentemente das representações narrativas, mas ainda dentro da metafunção ideacional, as representações conceituais não estão ligadas à presença de atores, metas e vetores, mas sim à sua essência em contraponto a um determinado aspecto da imagem. Elas se dividem em processos Classificacionais, Analíticos e Simbólicos. Novamente por questões de relevância, será destacado aqui apenas o processo Simbólico.

No geral, ele pode ser definido como um recurso visual em que determinado participante emana uma simbologia que se sobressai aos demais processos: “They are pointed at by means of a gesture which cannot be interpreted as an action other than the action of ‘pointing out the symbolic attribute to the viewer’...” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.105).⁶

Quanto ao modo que essa simbologia é conferida ao participante, o processo simbólico pode ser Atributivo ou Sugestivo. No primeiro caso, há a necessidade de que algum elemento externo (*attribute*) confira ao participante representado (*carrier*) a simbologia desejada.

Por outro lado, o processo Sugestivo acontece quando a simbologia de determinado participante emana dele próprio, sendo a mesma sugerida pela maneira que ele está sendo representado na imagem. Sem a presença de nenhum atributo externo, pode-se dizer que a simbologia, nesse caso, é intrínseca à existência do participante. A simbologia desejada pode ser estabelecida de diversas formas, seja através das cores que se mesclam, do desfoque seletivo ou da iluminação exagerada, tudo converge para que não seja capturada uma ação específica, mas sim a aura e a essência da imagem (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

⁶ “Eles são apontados por meio de gestos que não podem ser interpretados como uma ação que não seja a ação de ‘apontar o atributo simbólico para o espectador’...” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.105, tradução da autora).

QUADRO 1 - METAFUNÇÃO IDEACIONAL

Metafunção Ideacional		
<p>Representações Narrativas: Caracterizadas pela presença de atores, metas e vetores.</p>	<p>Ação: vetor como ação.</p>	<p>Processo Transacional: com presença de todos elementos. Podem ser uni ou bidirecionais.</p>
		<p>Processo Não-Transacional: sem presença da meta.</p>
		<p>Evento: sem presença do ator.</p>
	<p>Reação: vetor como olhar.</p>	<p>Processo Transacional: com presença do fenômeno e do reator.</p>
		<p>Processo Não-Transacional: sem presença do fenômeno.</p>
	<p>Representações Conceituais: Caracterizadas pela fato da sua essência estar em contraponto a um determinado aspecto da imagem.</p>	<p>Simbólico</p>
<p>Sugestivo: simbologia do participante representado é sugerida através da imagem.</p>		

FONTE: Adaptado de Kress e Van Leeuwen (2006).

2.1.3 Metafunção Interacional

Metafunção que diz respeito às interações entre os participantes representados e participantes interativos. Essas interações podem ser pensadas a partir da seguinte reflexão: uma imagem sempre aspira alguma coisa do seu espectador e, para que seja possível fazer isso, ela acaba por definir, até certo ponto, quem será esse espectador. O raciocínio evoca os conceitos de Umberto Eco (2004) que sugere que um autor, ao escrever uma obra, já está selecionando um determinado tipo de leitor, o chamado leitor-modelo. Da mesma forma, o leitor, ao se deparar com determinado conteúdo, imagina um “autor-modelo”.

Seguindo esta linha de pensamento, os espectadores de uma imagem e os participantes representados nela também são capazes de estabelecer uma relação imaginária: “Images allow us to imaginarily come as close to public figures as if they

were our friends and neighbours - or to look at people like ourselves as strangers, 'others'" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.126).⁷

Sendo assim, as classificações apresentadas a seguir são sistematizadas a partir do tipo de reação que a imagem intenciona causar no espectador.

2.1.3.1 Contato

Determina que uma imagem pode ser uma demanda ou uma oferta. A demanda exige algo do espectador: baseada no olhar do participante representado, e por vezes reforçada através da linguagem corporal, a demanda anseia por uma ligação imaginária entre o espectador e a imagem. Não é necessário que o participante representado seja um humano, mas ainda assim ele precisa ser humanizado. A oferta, por sua vez, não reivindica contato algum: não contém humanos, nem quase-humanos, olhando diretamente para o espectador.

A escolha pela demanda ou pela oferta tem o intuito de aproximar os espectadores de certos participantes representados e afastá-los de outros (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

2.1.3.2 Distância Social

Dimensão do nível interacional ligada ao tamanho do quadro escolhido: grande plano, médio plano e plano aberto. Quanto mais fechado o plano, menor é a distância social entre participante representado e espectador. Quanto mais aberto o plano, maior é a distância social. Pode ser aplicado tanto a seres humanos, quanto a objetos do nosso dia a dia.

[...] there are correspondences between these distances and our everyday experience of objects and the environment; in other words, that size of frame can also suggest social relations between the viewer and objects, buildings and landscapes. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.127)⁸

⁷ "As imagens permitem que nós imaginariamente nos aproximemos de figuras públicas como se fossem nossas amigas e vizinhas - ou encarar pessoas semelhantes como completos estranhos, 'outros'." (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.126, tradução da autora).

⁸ "[...] existem correspondências entre essas distâncias e nossa experiência cotidiana com os objetos e com o ambiente; em outras palavras, o tamanho do quadro também pode sugerir relações sociais entre o espectador e os objetos, edifícios e paisagens." (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.127, tradução da autora).

2.1.3.3 Atitude

A dimensão da atitude engloba a perspectiva, isto é, o ângulo que o espectador tem da imagem representada. De acordo com esse ponto de vista, a imagem pode ser subjetiva ou objetiva, porém, dada a relevância para este projeto, serão detalhados apenas os elementos de uma imagem subjetiva.

De acordo com a linha horizontal, as imagens subjetivas podem ser classificadas em frontais ou oblíquas. As frontais são aquelas que o plano frontal do fotógrafo é paralelo ao plano frontal da fotografia; já as oblíquas são aquelas que os planos não são paralelos. O ângulo frontal dá uma ideia de envolvimento com o ser representado, enquanto o ângulo oblíquo dá uma sensação de distanciamento.

De acordo com a linha vertical, as imagens subjetivas podem ser classificadas em ângulo alto, baixo e neutro. Apesar de ser amplamente estudado no cinema e no audiovisual como cada ângulo pode alterar o ponto de vista sobre determinado objeto, os autores querem propor aqui uma relação entre o que é representado e o espectador. Portanto, um ângulo alto empodera o espectador; um ângulo baixo empodera a imagem representada e um ângulo no nível do olho neutraliza a relação.

Às vezes o motivo da imagem ter sido representada daquela forma não fica claro, portanto deve-se fazer o seguinte questionamento: “Where would one have to be to see this scene in this way, and what sort of person would one have to be to occupy that space?” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.143).⁹

⁹ “Onde alguém deveria estar para ver a cena desta forma, e que tipo de pessoa deveria ser para ocupar esse espaço?” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.143, tradução da autora).

QUADRO 2 - METAFUNÇÃO INTERACIONAL

Metafunção Interacional			
Contato	Demanda: exige algo do espectador com base no olhar do participante representado.		
	Oferta: não reivindica contato algum do espectador.		
Distância Social	Grande Plano: distância social mínima.		
	Médio Plano: distância social intermediária.		
	Plano Aberto: distância social máxima.		
Atitude	Imagem Subjetiva	Linha Horizontal	Oblíqua: plano frontal do fotógrafo não é paralelo ao plano frontal da fotografia.
			Frontal: plano frontal do fotógrafo é paralelo ao plano frontal da fotografia.
		Linha Vertical	Ângulo Alto: empodera o espectador.
			Ângulo Baixo: empodera a imagem representada.
			Ângulo Neutro: neutraliza a relação.

FONTE: Adaptado de Kress e Van Leeuwen (2006).

2.1.4 Metafunção Composicional

Essa metafunção explora como a disposição dos elementos pode endossar um valor específico à determinada composição. Mesmo mantendo idênticos os níveis ideacional e interpessoal, se o nível composicional for alterado, há alteração no valor daquele texto. Vale ressaltar que a fundamentação dessa parte está intrinsecamente ligada ao modo de leitura e diagramação ocidental, não deixando de possuir, no entanto, uma relevância imensa para a percepção de textos multimodais. Tendo em conta que um texto multimodal “é qualquer texto em que o significado seja percebido através de mais de um modo semiótico” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.177), é através da metafunção composicional que a função dos textos escritos - aliados aos textos visuais - é revelada no processo de semiose social que se passa no layout das representações.

Kress e Van Leeuwen (2006) citam três sistemas inter-relacionados de composição: valor de informação, saliência e estruturação.

2.1.4.1 Valor de Informação

Aspecto que diz respeito ao lugar que o elemento ocupa na imagem: direita/esquerda, topo/base, centro/margem.

No eixo horizontal, os elementos podem ser polarizados entre esquerda e direita: o que fica na esquerda pode ser tomado como “Dado” e o que fica direita como “Novo”. Um elemento ser interpretado como “Dado”, significa dizer que o mesmo já é de conhecimento do leitor, ou ainda que trata de um assunto familiar. Por outro lado, algo ser considerado como “Novo”, significa o oposto: remete a informações ainda não assimiladas as quais “the viewer must pay special attention.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.181).¹⁰

No eixo vertical, os elementos podem ser polarizados entre topo e base: o que fica no topo geralmente é “Ideal” e o que fica na base “Real”.

For something to be ideal means that it is presented as the idealized or generalized essence of the information, hence also as its, ostensibly, most salient part. The Real is then opposed to this in that it presents more specific information (details), more ‘down-to-earth’ information (photographs as documentary evidence, or maps or charts), or more practical information

¹⁰ “o leitor deve prestar atenção especial.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.181, tradução da autora).

(practical consequences, directions for action). (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.187)¹¹

Já o valor de informação organizado a partir de Centro e Margem, apesar de não tão comum na sociedade ocidental, se apresenta com um papel mediador na leitura das composições. O elemento visual mais significativo é posicionado no centro e os outros são distribuídos na margem ao seu redor, em um relação de dependência, auxílio e equidade, que não dá brechas para uma polarização horizontal ou vertical (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

2.1.4.2 Saliência

Aspecto que orienta a importância que é dada a determinado elemento. Ela não é medida objetivamente, pois é resultado da interação complexa de uma série de fatores que podem ser utilizados para atrair a atenção do espectador: tamanho, nitidez/desfoque, contraste, cor, perspectiva, e até mesmo fatores culturais e simbólicos.

Através da saliência, uma hierarquia de leitura é criada dentro da composição, sendo que alguns elementos são tidos como mais importantes - maior saliência -, e outros não tão valorosos de atenção - menor saliência. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

2.1.4.3 Estruturação

Elucida que elementos visuais podem tanto estruturar (desconectar) ou desestruturar (conectar) grupos de elementos. Assim quanto mais estruturada uma composição, mais desconectados entre si estão os elementos; quanto menos estruturada uma composição, mais conectados entre si estão os elementos.

The elements or groups of elements are either disconnected, marked off from each other, or connected, joined together. And visual framing, too, is a matter

¹¹ “Para algo ser considerado Ideal significa que ela se apresenta como a essência idealizada ou generalizada da informação. bem como, também normalmente se apresenta como a parte mais saliente. O Real então se opõe a isso por se apresentar como uma informação mais específica, mais ‘pé no chão’ (evidência documental, mapas, tabelas), ou ainda mais prática (consequências práticas, chamadas de ação).” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.187, tradução da autora).

of degree: elements of the composition may be strongly or weakly framed.
(KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.203).¹²

QUADRO 3 - METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL

Metafunção Composicional	
Valor de Informação	Dado x Novo Ideal x Real Centro x Margem
Saliência	Máxima x Mínima
Estruturação	Estruturado (desconectado) x Desestruturado (conectado)

FONTE: Adaptado de Kress e Van Leeuwen (2006).

¹² “Os elementos, ou grupos de elementos, ou estão desconectados, separados um do outro, ou conectados, próximos um ao outro. E a estruturação visual, também, é uma questão de níveis: elementos da composição talvez possam estar forte ou fracamente estruturados.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.3).

3 ANÁLISES

3.1 VEJA: A AMEAÇA BOLSONARO

A primeira capa estampando o, até então, deputado Jair Bolsonaro data de 11 de outubro de 2017, publicada pela revista Veja. A análise semiótica da capa, não só nessa edição, mas em todas a seguir, será dividida nas três metafunções propostas por Kress e Van Leeuwen na seguinte ordem: ideacional, interacional e composicional.

FIGURA 1 - VEJA: A AMEAÇA BOLSONARO



FONTE: Revista Veja, edição 2551. 11 de out. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2551/>>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.1.1 Análise Semiótica

3.1.1.1 Metafunção Ideacional

Essa metafunção se caracteriza por duas categorias bem distintas: a narrativa e a conceitual. A primeira, como o próprio nome sugere, está associada a presença de vetores, metas ou eventos que contam visualmente uma história. Claramente, não é o caso da capa em questão. Apesar do participante representado na imagem olhar diretamente para o público, o que poderia ser classificado como um processo de reação não-transacional, a categoria que melhor reflete o que se passa na imagem é a conceitual.

Isso porque não se trata do olhar, nem de um momento específico capturado, mas de toda a essência que se deseja transmitir com a manipulação da imagem. Como é possível notar a margem ao redor da face de Bolsonaro está desfocada; já a abundância de detalhes no rosto dele é extremamente elevada. A cor da composição também foi alterada: a saturação é baixa e os tons da imagem se combinam de forma neutra. Além disso, uma luz clara emana por detrás do presidenciável.

Sendo assim, todas estas escolhas não arbitrárias de manipulação da imagem, tem a função de sugerir ao leitor que uma determinada aura - essencialmente positiva - emana do próprio presidenciável. Não há dúvidas que se trata de processo simbólico sugestivo.

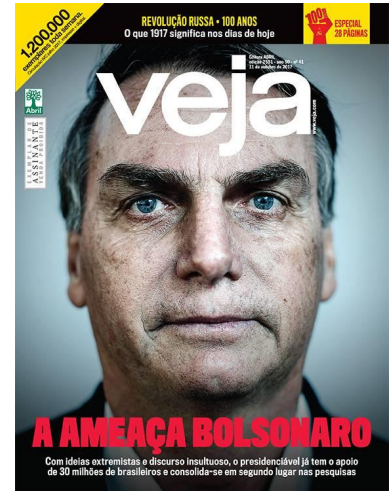
3.1.1.2 Metafunção Interacional

Essa metafunção apresenta três formas de classificação - contato, distância social e atitude -, cada qual possui suas próprias categorias.

Sendo assim, quanto à primeira forma de classificação, pode-se dizer que a capa analisada se enquadra em um contato do tipo demanda. Ou seja, o participante representado na imagem mantém contato visual direto com o espectador. Normalmente, a utilização desse artifício tem o intuito de estabelecer entre ambos uma ligação imaginária. No caso da imagem analisada, tendo em mente os itens previamente discutidos no tópico da metafunção ideacional, o fato de Jair Bolsonaro olhar diretamente para o público remete a um desejo da revista - intencional ou não - de humanizar o candidato.

Já quanto à distância social, a capa analisada evidencia um grande plano, aquele que, segundo Kress e Van Leeuwen (2006), se caracteriza pelo enquadramento bem aproximado do personagem ou do objeto em questão. A escolha corrobora com todos os itens até então descritos; isto porque, quanto maior plano, menor a distância social e maior o nível de envolvimento entre o participante representado e o público-alvo da revista.

Por outro lado, analisando a metafunção interacional a nível de atitude, a imagem possui um ângulo neutro (nem alto, nem baixo), posicionado frontalmente ao personagem fotografado. Este último garante mais uma vez maior grau de envolvimento do espectador com o objeto da capa.



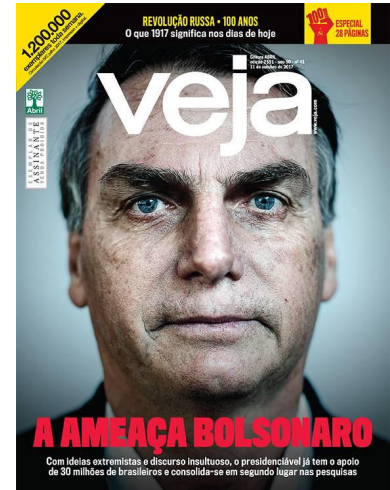
3.1.1.3 Metafunção Composicional

Essa metafunção apresenta três formas de classificação - valor de informação, saliência e estruturação - e cada qual possui suas próprias categorias.

No que diz respeito ao valor de informação, é possível notar que trata-se de uma polarização entre topo e base. Em outras palavras, a imagem de Bolsonaro, que ocupa o topo e o meio da composição, representa uma informação idealizada, que geralmente tem a função de chamar a atenção do leitor. Em contrapartida, manchete e chamada apresentam informações que são mais específicas e pautadas no mundo real.

A divergência entre ideal e real se estende também para a saliência dos elementos, visto que na imagem predominam tons frios, e a manchete exibe um tom de vermelho vivo. Ainda assim, ambas dispõem das maiores saliências da composição: são os dois elementos que mais têm potencial de prender o olhar da audiência.

Inclusive, os dois elementos apesar de distintos, são absorvidos como uma mensagem única, o que faz com que referente a estruturação da metafunção composicional, o layout seja classificado como desestruturado. A despeito do nome que pode confundir, um layout desestruturado significa dizer que os blocos de informação estão conectados entre si - ou seja, estão desestruturados quanto à qualquer grid de separação simétrica.



3.1.2 Sinopse

Sob o título “A ameaça Bolsonaro”¹³, a reportagem que destrincha a capa trata de avaliar a ascensão de Jair Bolsonaro como presidencialista, lembrar suas atitudes polêmicas e reconstruir seu passado. Em termos gerais, apesar de inúmeras críticas tecidas quanto ao isolamento político, despreparo e radicalismo de Bolsonaro, a partir de um dado momento o texto toma um rumo diferente. Do meio para o final, a revista pontua a popularidade do candidato nas redes sociais e ensaia uma breve biografia de sua vida. Através de relatos de terceiros e causos familiares, é possível notar - ainda que não explicitamente - uma humanização do presidencialista na reta final da reportagem. Por mais que o último parágrafo em si sugira a impossibilidade de Bolsonaro governar sozinho (sem coalizões) mesmo que eleito, a prerrogativa não é enérgica o suficiente para refutar toda a construção de menino “desengonçado” e de “família modesta” insinuada momentos antes.

3.1.3 Síntese

Comparando a análise da capa com a da reportagem pode-se dizer que ambas dialogam entre si. A manchete em vermelho que anuncia o candidato como uma ameaça é destrinchada logo no início do texto. Por outro lado, a imagem pacífica de Jair Bolsonaro estampando a capa, bem de close, é retomada na parte final da matéria, com a humanização do presidencialista através da lembrança do seu

¹³ Para conferir a reportagem completa, consulte o Anexo A.

passado. Fica a ressalva, no entanto, quanto ao sensacionalismo da revista: a capa com título um tanto quanto pessimista à primeira vista parece que irá apontar as polêmicas e falhas do presidencial. Porém, a reportagem, de forma sutil, acaba se mostrando favorável à sua possível candidatura.

3.2 ISTOÉ: PERIGO. ELE PODE SER PRESIDENTE

A segunda capa estampando o possível candidato Jair Bolsonaro data de 17 de novembro de 2017, publicada pela revista Isto É.

FIGURA 2 - ISTOÉ: PERIGO. ELE PODE SER PRESIDENTE.



FONTE: Revista IstoÉ, edição 2501. 17 de nov. 2017. Disponível em:

<<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/istoe/2017-11-17.html>>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.2.1 Análise Semiótica

3.2.1.1 Metafunção Ideacional

Novamente trata-se de uma composição conceitual, em que a articulação minuciosa dos elementos tem a função de insinuar uma simbologia que não é

intrínseca à imagem em si. O fundo preto, por exemplo, cria um enfoque na figura de Bolsonaro. Esse, por sua vez, aparenta uma cara raivosa mais à direita, contrastando fortemente com a face sorridente que ele segura com a mão à esquerda. É a presença desta “face” manipulada, a qual se dá o nome de atributo, que leva essa composição caracterizar-se como conceitual atributiva. Diferentemente da conceitual sugestiva, a representação atributiva se vale de pelo menos um atributo na imagem para conferir ao participante representado determinada simbologia.

Neste caso, o presidenciável segura uma outra face completamente diferente de si mesmo, aspecto que dá a entender que o mesmo usa uma máscara.

3.2.1.2 Metafunção Interacional

Como é sabido, essa metafunção apresenta três formas de classificação - contato, distância social e atitude.

Quanto ao contato, pode-se perceber que o participante representado não mantém contato visual direto com o espectador, portanto trata-se de uma composição do tipo oferta. Sendo assim, não se espera, ou não se tem a intenção deliberada, de que o leitor estabeleça uma conexão hipotética o candidato.



Em termos de distância social, a opção foi pelo grande plano, que garante uma distância social mínima. Apesar de ela estar associada à uma aproximação entre participante representado e receptor, neste caso, dadas as escolhas feitas nas demais categorias, infere-se que o plano aproximado representa a aproximação do “perigo” descrito na manchete.

Por fim, quanto à atitude, novamente o ângulo se apresenta de forma neutra, posicionado de forma frontal à Bolsonaro. Este último, que normalmente garante maior grau de envolvimento do espectador com o objeto da capa, pode - assim como no caso do grande plano - estar sendo utilizado para alertar a proximidade do perigo.

3.2.1.3 Metafunção Composicional

Como exposto anteriormente, essa metafunção apresenta três formas de classificação - valor de informação, saliência e estruturação.

Quanto ao valor de informação, a polarização acontece de duas formas. No que diz respeito à imagem propriamente dita, a polarização das faces de Bolsonaro ocorre no sentido direita versus esquerda. O rosto sorridente e amigável é tomado como informação “dada”, ou seja, que já foi assimilada pelo espectador. Já a face tempestuosa da direita é entendida como uma mensagem “nova”, a qual ainda não é de conhecimento total e, por este motivo, necessita de maior consideração no momento de leitura. Por outro lado, analisando imagem e manchete de maneira unificada, percebe-se uma polarização entre topo e base. Como de praxe na maior parte das capas de revista que serão analisadas, a imagem que ilustra o topo e o meio da composição, representa uma informação idealizada, que geralmente tem a função de chamar a atenção do leitor. Em contrapartida, manchete e chamada apresentam informações que são mais específicas e pautadas no mundo real.



Ainda que tenham essa divergência entre ideal versus real, imagem e manchete, nessa ordem, são os dois elementos que possuem maior saliência na composição, escolha que também é tida como recorrente nas capas de revista.

Apesar da saliência mínima da chamada que acompanha a manchete, o destaque e a proximidade de todos os elementos propicia um layout desestruturado, em que a conexão entre as partes favorece a leitura global e unificada da informação.

3.2.2 Sinopse

A reportagem que elucida a capa se intitula “A ameaça totalitária”¹⁴. Desde a primeira até a última linha o posicionamento da revista é claro, reforçando a todo o momento o fato de Jair Bolsonaro vender uma imagem que contraria suas atitudes. A matéria se organiza sob a presença de alguns intertítulos: “Zero em Economia”, “O verdadeiro Bolsonaro”, “Homofobia”, “Misoginia e desrespeito à mulher”, “Racismo”, entre outros orientam o rumo do texto. Mais do que apenas criticar, a revista traz exemplos das “patéticas de Bolsonaro” em diversos âmbitos, com enfoque especial no econômico. Em nenhum momento há humanização do candidato; de fato, o que

¹⁴ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://istoe.com.br/a-ameaca-totalitaria/>

acontece é justamente o oposto: exacerba-se o dualismo entre as duas “faces” do presidencialismo e o grande perigo que o Brasil corre com a sua possível eleição.

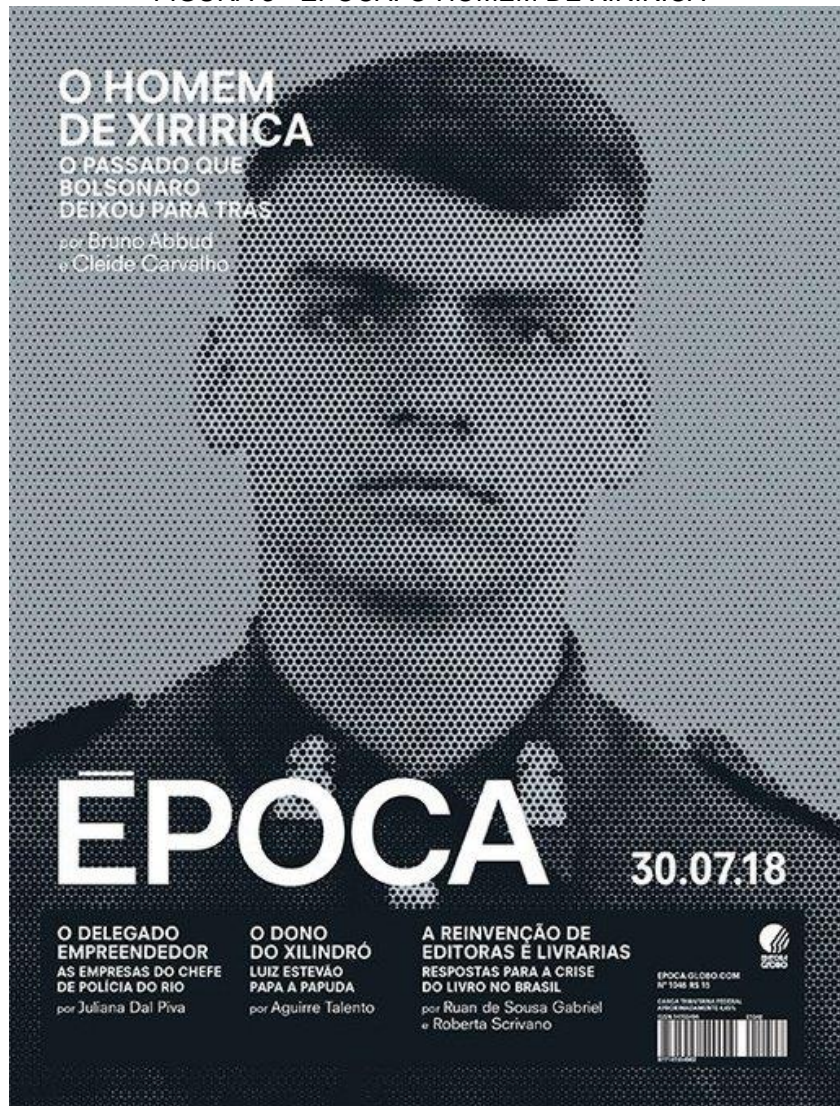
3.2.3 Síntese

A sincronia entre capa e reportagem é máxima: a primeira exacerba a mensagem de que Bolsonaro tem duas faces, e segunda confirma este conceito. Durante o texto também é retomado o alerta de perigo expresso na capa quanto à uma possível eleição de Bolsonaro. De fato, todos os elementos conversam entre si, não havendo ruído de comunicação entre eles.

3.3 ÉPOCA: O HOMEM DE XIRIRICA

A terceira capa estampando o, agora candidato, Jair Bolsonaro salta do ano de 2017 para 30 de julho de 2018, publicada desta vez pela revista Época.

FIGURA 3 - ÉPOCA: O HOMEM DE XIRIRICA



FONTE: Revista Época, edição 1048. 30 de jul. 2018. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/educacao/capa/epoca/2018-07-28.html>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.3.1 Análise Semiótica

3.3.1.1 Metafunção Ideacional

O uso da composição conceitual outra vez se faz presente para reforçar uma simbologia que não é totalmente inerente à imagem. Ainda que de forma sutil, através

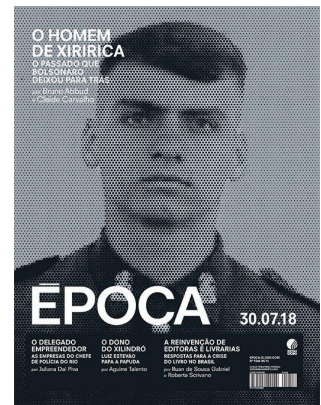
do uso de texturas, a foto que provavelmente já era em preto e branco, evoca ainda mais a sensação de pertencer a um acervo antigo. Com o sentido sugerido pelas características e efeitos da imagem, logo o leitor é capaz de inferir que a edição abordará o passado de Jair Bolsonaro. Trata-se, portanto, de um processo simbólico sugestivo.

3.3.1.2 Metafunção Interacional

As três formas de classificação dessa metafunção - contato, distância social e atitude - mantém o padrão das outras capas vistas até então.

A categoria de contato apresenta um participante representado que, embora esteja aparentemente olhando na direção do espectador, não causa a percepção de demanda. Ao contrário, enquadra-se como oferta, visto que o olhar do mesmo é vago e forçado: o receptor possui a noção de que Bolsonaro olha para o fotógrafo que fazia o seu retrato e não para muito além disso.

Já a nível de distância social, a opção foi pelo grande plano. Como já foi deixado claro nas demais categorias visuais e também explicitado na chamada da manchete, a edição abordará o passado de Bolsonaro. A escolha de um enquadramento aproximado justamente sinaliza uma possível investigação a fundo no passado do candidato



Em termos de atitude, o ângulo se apresenta repetidamente neutro e posicionado de forma frontal à Bolsonaro. Neste caso, não denota maior grau de envolvimento entre participante e receptor, apenas a neutralidade da relação.

3.3.1.3 Metafunção Composicional

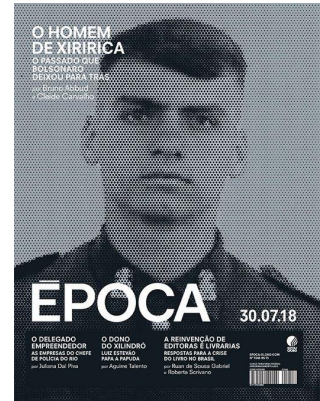
O valor de informação, a saliência e a estruturação nessa composição se diferenciam ligeiramente das mesmas categorias vistas nas outras revistas.

O primeiro aspecto, por exemplo, manifesta uma polarização entre topo e base - ou ideal versus real. No entanto, ao contrário das demais, nesta o texto é posicionado no topo e a imagem mais abaixo. Dessa forma, o bloco escrito é a parte idealizada e enigmática que visa chamar a atenção do leitor, ao passo que a imagem,

uma fotografia com pouca manipulação, se apresenta como informação séria e verídica. Já analisando o bloco escrito mais a fundo, é possível notar que nele mesmo há uma polarização entre topo e base: a manchete “O homem de Xiririca”, que é uma frase um tanto quanto indeterminada, funciona como um convite para que o receptor leia a informação concreta da chamada.

A saliência, por sua vez, se apresenta em seu nível máximo na fotografia, haja vista o seu tamanho e a manipulação de cor e textura. Logo após, segue-se para a leitura da manchete que possui saliência intermediária, com um tamanho moderado e cor neutra.

Os elementos estão bem separados e desconexos, fazendo que com que cada informação seja lida por vez. Sendo assim, caracteriza-se como um layout estruturado.



3.3.2 Sinopse

A reportagem que desenreda a capa se propõe a esmiuçar detalhadamente o passado do presidente, tal qual o próprio título da matéria anuncia “Como foram os anos de formação de Bolsonaro em Eldorado-Xiririca, no interior de São Paulo”¹⁵. Fica claro durante a leitura do texto que a riqueza de detalhes e particularidades foi fruto de um trabalho de investigação jornalística intenso. Diferentemente da revista Veja de outubro 2017, que como já visto também pautou o passado do candidato, a revista Época nessa reportagem buscou personagens próximos para validar sua opinião, ao invés de simplesmente atribuir adjetivos a Bolsonaro. Mesmo com esse artifício, que garante certa isenção, é possível notar o posicionamento contrário da revista à uma possível eleição do presidente, ao rememorar diversas histórias negativas do passado de Bolsonaro e trazer a tona o império comercial - e possíveis ilicitudes - da família no Vale da Ribeira.

3.3.3 Síntese

¹⁵ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://epoca.globo.com/como-foram-os-anos-de-formacao-de-bolsonaro-em-eldorado-xiririca-no-interior-de-sao-paulo-22921520>

Novamente, capa e reportagem foram capazes de complementar uma a outra. O texto que investiga a fundo o passado de Jair Bolsonaro em uma pequena cidade no Vale da Ribeira, conseguiu ser representado com êxito por meio da imagem estampada na capa. A mesma não deixou dúvidas de que a edição iria não só abordar o passado do candidato, mas como também o faria através de uma investigação intensa.

3.4 VEJA: BOLSONARO CRESCE. E ASSUSTA.

A quarta capa estampando o candidato Jair Bolsonaro data de 01 de agosto de 2018, alguns dias após a publicação da anterior, a revista Época, de 30 de julho de 2018, e desta vez impressa pela revista Veja.

FIGURA 4 - VEJA: BOLSONARO CRESCE. E ASSUSTA.



FONTE: Revista Veja, edição 2593. 01 de ago. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2593/>>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.4.1 Análise Semiótica

3.4.1.1 Metafunção Ideacional

Mais uma vez a preferência foi por um processo conceitual do tipo simbólico atributivo. Na imagem é possível ver que uma sombra exageradamente grande e escura (atributo) parte do candidato Jair Bolsonaro que está em um tamanho reduzido. A manipulação escrachada sugere que aquela sombra pertence a um monstro, sendo de fato uma simbologia que conversa e reitera o texto da manchete “Bolsonaro cresce. E assusta”.

3.4.1.2 Metafunção Interacional

O participante representado não troca olhares com o espectador, estabelecendo assim um contato do tipo oferta entre ambos.

O plano aberto com distância social máxima, pela primeira vez até este momento, foi escolhido para representá-lo. A figura - que enquadra o candidato de corpo inteiro, sozinho, em fundo reto e monocromático, sem nenhuma ambientação ao seu redor, e sem deixar visível o seu olhar - reitera a desumanização e monstrualização que visam ser transmitidas na composição.

A atitude, em contrapartida, mantém-se em ângulo frontal neutro apesar da ambiguidade que pode ser causada por conta do dorso de Jair Bolsonaro estar levemente voltado para a direita. Nesse caso é importante lembrar que uma atitude oblíqua somente é constatada quando a linha da fotografia é perpendicular à orientação do objeto retratado - nesta capa, por exemplo, para isso ocorrer seria necessário retratar o candidato de perfil.



3.4.1.3 Metafunção Composicional

No que tange ao valor de informação, a polarização acontece entre a sombra de Bolsonaro, posicionada no topo esquerdo, e a figura real do candidato atrelada à manchete. Ou seja, o vulto escurecido e suntuoso metaforicamente antecipa e

complementa o texto que anuncia a crescente assustadora de Bolsonaro, o qual visualmente se materializa em sua forma original mais abaixo da manchete.

Como é notável, a imagem manipulada digitalmente se sobressai com saliência máxima. De maneira intermediária, porém muito próxima do nível máximo, percebe-se a saliência da manchete em cores intensas.

Aliás, a saliência semelhante de ambos facilita a leitura unificada da informação, evidenciando um layout desestruturado no qual todos os elementos estão bem articulados entre si.



3.4.2 Sinopse

A reportagem decorrente da capa faz parte de um compilado sobre a corrida presidencial de 2018, sendo a seção que diz respeito ao candidato intitulada de “A ameaça é real”¹⁶. A matéria se dedica a tratar da crescente intenção de votos do eleitorado brasileiro em Bolsonaro. Apesar do texto começar duvidando da capacidade do candidato - ao apontar seu retrocesso comportamental e a incógnita na economia com sua eleição -, em mais de $\frac{2}{3}$ da reportagem a revista reforça que o presidenciável “não tem partido grande, nem aliados fortes, nem dinheiro, nem tempo de TV, mas permanece firme e forte”. Enunciado muito similar é reforçado logo após o intertítulo “...E não era bolha”, o qual diz que apesar da falta de dinheiro, aliados e tempo de TV, Bolsonaro “demonstra ter musculatura para ser competitivo no segundo turno”. O uso sistemático de determinadas expressões como “fenômeno” e “solidez crescente”, ainda que de forma muito sutil e quase que imperceptível para o leitor, sustentam um posicionamento indistinto.

3.4.3 Síntese

Ainda que a reportagem reforce as crescentes estatísticas sobre a eleição de Jair Bolsonaro, o que de fato foi sugerido visualmente na capa, não há sincronia total entre ambas. Isto porque na capa é insinuada uma monstrualização do candidato,

¹⁶ Para conferir a reportagem completa, consulte o Anexo B.

ponto de vista que não é energicamente retomado na matéria: são tecidas críticas ao presidencial, mas não a ponto de caracterizá-lo como um ser abominável.

3.5 ISTOÉ: FAKE NEWS DE BOLSONARO

A quinta capa estampando o presidencialível foi publicada pela revista IstoÉ em 10 de agosto de 2018.

FIGURA 5 - ISTOÉ: FAKE NEWS DE BOLSONARO.



FONTE: Revista IstoÉ, edição 2538. 10 de ago. 2018. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/istoe/2018-08-10.html>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.5.1 Análise Semiótica

3.5.1.1 Metafunção Ideacional

Diferentemente das demais capas analisadas, a preferência nesta edição foi por uma representação narrativa ao invés de uma conceitual. Ou seja, não há nenhum atributo que é conferido ao participante representado, nem há uma atmosfera criada em torno da imagem. Vê-se apenas o candidato rindo sem qualquer motivo aparente na composição. Desta forma, tal qual uma frase de verbo intransitivo, se apresenta aqui uma representação narrativa de ação não-transacional: ator e vetor são claros, enquanto a meta foi elipsada.

3.5.1.2 Metafunção Interacional

Quanto ao contato, o participante está de olhos fechados, sem manter qualquer tipo de contato visual com o público da revista. Sendo assim, classifica-se como uma oferta.

Em se tratando de distância social, a escolha por um grande plano não parece ter qualquer motivação para diminuir a distância social: a composição permanece na neutralidade.

Já em termos de atitude, o ângulo é neutro, porém a linha da fotografia não é totalmente frontal: beira a completa obliquidade. Isto é, o fotógrafo se posicionou quase que perpendicularmente a Jair Bolsonaro. A opção por esta inclinação geralmente garante uma sensação de distanciamento entre participante representado e participante interativo, uma vez que a visão lateral é naturalmente associada à vigia e espreita de indivíduos suspeitos.



3.5.1.3 Metafunção Composicional

O valor de informação sobressalente na composição é o do eixo horizontal, dividindo a informação entre dado e novo. O bloco de texto é a informação já assimilada e de conhecimento do público, enquanto a imagem de Bolsonaro rindo copiosamente é o fato que ainda precisa ser absorvido pelos leitores.

A saliência máxima se manifesta na primeira linha da manchete e na imagem do presidenciável. Por outro lado, a chamada possui saliência mínima, enquanto a segunda linha da manchete está com um grau intermediário de destaque.

Apesar dos diferentes níveis de destaque que se apresentam na composição, a estruturação dos elementos é bem conexa, permitindo que a leitura seja feita de forma fluida. Por conta disso, classifica-se como uma composição desestruturada.



3.5.2 Sinopse

Sob o título de “Bolsonaro, o candidato fake”¹⁷, a reportagem que destrincha a capa expõe, do início ao fim, um tema sólido e bem delimitado: as *fake news* que Bolsonaro vinha propagando na época das eleições. Nesse sentido, o texto foi construído de forma direta, sem muitos desvios, apresentando mentiras contadas pelo candidato, e logo a seguir a verdade comprovada pelos fatos. O texto não apresenta indícios de ambiguidade premeditada, mantendo um posicionamento contrário e distante do presidenciável.

3.5.3 Síntese

Capa e reportagem foram capazes de complementar positivamente uma a outra. A primeira, através de um ângulo oblíquo, indica uma provável apuração de comportamentos suspeitos por parte de Bolsonaro. Tal perspectiva é realmente concretizada e desenrolada na matéria, que aborda o assunto de forma direta e sem ambiguidades.

¹⁷ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://istoe.com.br/bolsonaro-o-candidato-fake/>

3.6 ISTOÉ: ASSIM NÃO!

A sexta capa com o candidato remonta ao dia 06 de setembro de 2018, publicada pela revista IstoÉ.

FIGURA 6 - ISTOÉ: ASSIM NÃO!



FONTE: Revista IstoÉ, edição 2542. 06 de set. 2018. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/istoe/2018-09-07.html>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.6.1 Análise Semiótica

3.6.1.1 Metafunção Ideacional

Primeiramente, nesta composição, percebe-se o uso da fotografia autêntica de um fato, o que não dá margem para uma representação conceitual. Assim, a representação narrativa se materializa novamente, embora nesta edição através de um processo diferente do que foi visto na anterior. Analisando os participantes representados na figura, e tendo Jair Bolsonaro como o principal, nota-se que o mesmo tem expressão facial de dor e sofre por alguma situação. No entanto, o ator causador desta ação não é visível na composição, de forma que - tal qual uma frase passiva - apenas se tem o vetor e a meta. Não há dúvidas, portanto, que se trata de um processo do tipo evento.

3.6.1.2 Metafunção Interacional

A metafunção interacional, nesta edição em específico que utiliza uma fotografia documental, não tem tanto poder de expressão. Apesar de ser sabido que o fotógrafo coloca a sua própria visão de mundo mesmo em momentos não simulados, é também verdade que a relevância deste aspecto perde sua força.

Tendo em mente estes parâmetros de produção, quanto ao contato, a capa se classifica como oferta: nenhum sinal de contato visual do participante representado. A distância social é de um plano médio, o que atesta neutralidade.

A atitude se mostra por meio de um ângulo levemente alto e integralmente oblíquo. O primeiro ponto revela um participante representado vulnerável, pois se encontra em um nível de visão mais baixo que o do leitor. A obliquidade, por sua vez, reforça a ideia de um evento que o leitor observa de maneira alheia, sem ter envolvimento de fato. Dado o contexto do furo jornalístico não é possível saber se esta foi apenas a melhor perspectiva que o fotógrafo encontrou para conseguir o clique, ou se foi um enquadramento proposital.



3.6.1.3 Metafunção Composicional

O valor de informação na composição é assimilado através da polarização topo versus base. A imagem representa o topo idealizado que chama a atenção do leitor, sem revelar o que se passa efetivamente. A manchete, ainda que localizada mais próximo à base, ainda não é suficientemente esclarecedora quanto ao ocorrido. Neste ponto, é a chamada que cumpre integralmente o papel de uma informação completa e concreta sobre o fato. Dessa forma, pode-se dizer que a polarização topo versus base ocorre de forma graduada, revelando aos poucos o seu conteúdo.



A saliência não foge do padrão percebido até agora: imagem e manchete possuem o nível máximo. A chamada aparece com destaque intermediário.

Quanto à estruturação, por conta da saliência máxima, manchete e capa são lidas como um bloco único de informação. A chamada, apesar de uma saliência em menor grau, também está bem próxima e conectada ao seu título. Consequentemente, o *layout* é tachado como desestruturado.

3.6.2 Sinopse

Como era de se esperar, a redação desta edição é bastante diferente das demais vistas até agora. Intitulada de “A fachada em Bolsonaro”¹⁸, a reportagem se revela profundamente factual: segue uma ordem cronológica dos fatos, apresenta declarações e testemunhos sobre o ocorrido e, no geral, tenta se eximir de julgamentos e opiniões. Evidentemente, hora ou outra, há um esboço de posicionamento. Diversas vezes retomam a ligação do réu com o Partido dos Trabalhadores e com a esquerda política, principalmente através do intertítulo: “Um militante do PSOL”. Além disso, também anunciam um possível avanço bolsonarista nas estatísticas eleitorais em razão do ataque. De qualquer forma, apesar de lançar o candidato como vítima em dados momentos (dedicam, por exemplo, outro intertítulo apenas para falar da “Cirurgia de Emergência”), a revista também trouxe a morte de

¹⁸ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://istoe.com.br/a-facada-em-bolsonaro/>

Marielle Franco à tona no texto, comparando como uma barbárie de igual proporção ao que se sucedeu com Jair Bolsonaro.

3.6.3 Síntese

Capa e reportagem conversam no sentido de ambas transmitirem suas mensagens de forma mais factual. A opinião da revista, ainda que discretamente, também se manifesta em ambas através do enquadramento de Bolsonaro como uma verdadeira vítima.

3.7 VEJA: A FACADA DA INTOLERÂNCIA

A sétima capa retratando Jair Bolsonaro foi veiculada em 12 de setembro de 2018 pela revista Veja.

FIGURA 7 - VEJA: A FACADA DA INTOLERÂNCIA



FONTE: Revista Veja, edição 2599. 12 de set. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2599/>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.7.1 Análise Semiótica

3.7.1.1 Metafunção Ideacional

Nesta capa utiliza-se uma fotografia da mesma situação apresentada na análise anterior, e as imagens, inclusive, se assemelham muito. Sendo assim, novamente tem-se uma representação narrativa do tipo evento, em que há a presença apenas do vetor e da meta.

3.7.1.2 Metafunção Interacional

A metafunção interacional, por ter os mesmos parâmetros de produção que a capa anteriormente analisada, preserva as mesmas classificações.

Quanto ao contato, a capa se classifica como oferta: nenhum sinal de contato visual do participante representado. A distância social é de um plano médio, o que atesta neutralidade.

A atitude se mostra por meio de um ângulo levemente alto e integralmente oblíquo. O primeiro ponto revela um participante representado vulnerável, pois se encontra em um nível de visão mais baixo que o do leitor. A obliquidade, por sua vez, reforça a ideia de um evento que o leitor observa de maneira alheia, sem ter envolvimento de fato.

Ressalta-se mais uma vez que apesar de ser sabido que o fotógrafo coloca a sua própria visão de mundo mesmo em momentos não simulados, é também verdade que a relevância deste aspecto perde sua força. Isto porque não é possível saber se estas escolhas foram fruto apenas da melhor perspectiva que o fotógrafo encontrou para conseguir o clique, ou se foi um enquadramento proposital.



3.7.1.3 Metafunção Composicional

O valor de informação na composição é assimilado através da polarização topo versus base. A imagem representa o topo idealizado que chama a atenção do leitor, sem revelar o que se passa efetivamente. A manchete, que compõe a base, explicita que a movimentação na imagem se tratava de uma facada - no entanto, ela

ainda não é suficientemente esclarecedora quanto ao ocorrido. Neste ponto, é a chamada que cumpre integralmente o papel de uma informação completa e concreta sobre o fato. Dessa forma, pode-se dizer que a polarização topo versus base ocorre de forma graduada, revelando aos poucos o seu conteúdo.

A saliência não foge do padrão que pode ser percebido até agora: imagem e manchete possuem o nível máximo. A chamada aparece com destaque intermediário, enquanto o pequeno bloco de texto localizado dentro da fotografia tem relevância mínima.

Quanto à estruturação, percebe-se que o fundo preto ajuda na delimitação de espaços específicos para cada elemento. Sendo assim, com a divisão em blocos separados de leitura, o layout se classifica como estruturado.



3.7.2 Sinopse

Esta edição da Veja apresenta uma reportagem que trata do mesmo assunto da revista discutida no tópico anterior, IstoÉ de 06 de setembro de 2018, porém, surpreendentemente, a mesma segue por um viés um tanto quanto diferente (até mesmo para os seus próprios padrões). A matéria que possui o mesmo título da capa, “A facada da intolerância”¹⁹, segue uma linha do tempo cronológica e introduz os acontecimentos, tal qual a IstoÉ antecedente. No entanto, evitam-se adjetivações e sensacionalismos precipitados: não é reforçado o histórico do réu com o Partido dos Trabalhadores, não é tido como óbvio um aumento no número de votos de Bolsonaro e muito menos é nomeado esse último como apenas uma vítima. As escolhas fogem de um padrão visto até agora nas publicações da revista: o posicionamento contrário a Bolsonaro surpreende, pois é feito abertamente e com argumentos precisos.

3.7.3 Síntese

A capa desta revista, muito semelhante à IstoÉ anterior, não revela nenhuma pista de que a reportagem seguirá uma linha narrativa tão diferente do padrão que a

¹⁹ Para conferir a reportagem completa, consulte o anexo C.

revista Veja vinha apresentando. No entanto, cabe ressaltar que por se tratar de uma situação muito delicada, era improvável que a revista manipulasse a imagem da capa de forma muito nítida.

3.8 ISTOÉ: DE ONDE VEM A ONDA CONSERVADORA?

A capa de número oito com Jair Bolsonaro foi publicada em 11 de outubro de 2018 pela IstoÉ.

FIGURA 8 - ISTOÉ: DE ONDE VEM A ONDA CONSERVADORA?



FONTE: Revista IstoÉ, edição 2547. 11 de out. 2018. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/istoe/2018-10-12.html>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.8.1 Análise Semiótica

3.8.1.1 Metafunção Ideacional

A imagem que ocupa todo o espaço da capa apresenta um retrato em preto e branco de Bolsonaro em que o candidato não faz nada além de olhar na direção do leitor. Portanto, pode-se classificar a composição como uma representação narrativa de reação. Esse processo se caracteriza pelo olhar dirigido do participante representado a alguma coisa. Contudo, como o objeto fruto do olhar não está visível na imagem, diz-se que é um processo de reação do tipo não-transacional - afinal, o reator enxerga um fenômeno que se encontra no contracampo da composição.

3.8.1.2 Metafunção Interacional

É claro o olhar lançado pelo participante representado ao espectador, revelando um contato do tipo demanda. Através do olhar direto, a ligação imaginária entre ambos é potencializada, podendo significar, nesse caso, o fato de que a relação entre eles está cada vez mais próxima de se estreitar com a possível eleição de Jair Bolsonaro.

Seguindo esta mesma linha de intenção, a distância social evidencia um grande plano. O tamanho nitidamente exagerado corrobora com a mensagem de que o contato entre participante representado e leitor está mais próximo do que nunca de se concretizar.

A atitude, por conta da dimensão exacerbada da imagem, onde nada se enxerga além do rosto do candidato, perde a sua relevância. No entanto, sem dúvida trata-se de um ângulo neutro e frontal.



3.8.1.3 Metafunção Composicional

O valor de informação converge entre o dualismo topo versus base. Imagem e manchete, prevalentes na parte superior da capa, compõem a parte idealizada da mensagem que procura chamar a atenção do leitor e dar indícios sobre o assunto.

Localizada na base da composição, é justamente a chamada que tem o papel de situar o leitor com informações fidedignas sobre o tema.

A saliência da imagem é máxima e absoluta. Por outro lado, a relevância da manchete é intermediária e a da chamada mínima.

A estruturação pode gerar dúvidas quanto à categorização: imagem e manchete possuem uma conexão explícita, o que pode refletir uma desestruturação do layout. No entanto, a chamada está um tanto quanto desconexa de ambos, sinal de uma composição estruturada. Para todos os efeitos, a imagem preenche o fundo de ambos os blocos textuais, fazendo com que o layout mantenha uma unidade e desestruturação.



3.8.2 Sinopse

Intitulada de “Por que ele está quase lá”²⁰, a reportagem que elucida a capa engana quem acha que a origem e os problemas do conservadorismo incitados por Jair Bolsonaro serão de fato explicados. Ao contrário do que se pensa, a matéria traça um panorama da criação da cúpula do candidato - evidente no intertítulo “A bancada da bala, boi e Bíblia” - e de como ele se aproveitou de certos temas para angariar votos. Durante todo o texto, o enquadramento principal é de vangloriar o presidencialista, tomando como certa sua vitória e a “grande renovação” da política. Além de não perderem a oportunidade de ressaltar que os valores de Bolsonaro o fizeram despontar nas eleições, também não desperdiçam a chance de alfinetar o Partido dos Trabalhadores - ressaltando a ideia de que Bolsonaro é o antídoto contra o petismo. O texto termina escrachando ainda mais seu posicionamento, no final do intertítulo “Contexto favorável”, com a seguinte máxima: “Se assim deseja a maioria do povo brasileiro, quem somos nós para contrariá-lo?”

3.8.3 Síntese

A relação entre capa e reportagem é um tanto quanto peculiar nesta edição. Isto porque a capa não dá quase nenhum indício do tom que irá direcionar a matéria,

²⁰ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://istoe.com.br/por-que-ele-esta-quase-la/>

exceto pelo retrato exagerado de Bolsonaro que indica definitivamente uma possível eleição do candidato. O fato sugerido é comprovado e reforçado na reportagem, que escracha o posicionamento da revista com relação a vitória do presidencial: “Se assim deseja a maioria do povo brasileiro, quem somos nós para contrariá-lo?”.

3.9 VEJA: SERÁ ISSO MESMO?

A nona capa estampando o candidato Jair Bolsonaro data do dia 17 de outubro de 2018, mais uma vez pela revista Veja.



FONTE: Revista Veja, edição 2604. 17 de out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2604/>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.9.1 Análise Semiótica

3.9.1.1 Metafunção Ideacional

Após duas capas que seguiram pela linha narrativa, optou-se nesta edição por voltar à representação conceitual. Ou seja, o desejo de reforçar uma simbologia que não é totalmente inerente à imagem. É possível notar que a figura de Jair Bolsonaro carrega uma faixa de presidente, mesmo quando ainda não havia sido eleito: a faixa é um atributo conferido ao participante para endossar a ideia de que ele provavelmente será escolhido como presidente. Além disso, toda a imagem foi desenhada, também corroborando para a reflexão de que aquele momento ainda não ocorreu. Pela presença desses atributos que conferem a simbologia necessária para o entendimento da mensagem, o processo se classifica como simbólico atributivo.

3.9.1.2 Metafunção Interacional

Quanto ao contato, pode-se dizer que a capa analisada se enquadra como demanda. Ou seja, o participante representado na imagem mantém contato visual direto com o espectador. Normalmente, a utilização desse artifício tem o intuito de estabelecer entre ambos uma ligação imaginária. Esse caso não foge à regra, visto que o futuro presidente - como a revista o representa - procura estabelecer um contato visual explícito com o leitor.

Em se tratando de distância social, a escolha por um plano médio não revela nenhuma motivação, senão a neutralidade.

Por fim, a atitude revela um ângulo neutro e frontal. Este último aspecto, que por vezes garante maior grau de envolvimento do espectador com o objeto da capa, nesta edição também causa intimidação por parte do participante representado. Inclusive, remete quase que imediatamente, à imagem americana do Tio Sam²¹, que por muito tempo simbolizou os Estados Unidos.



²¹ "Quem foi Tio Sam? Tio Sam: símbolo dos Estados Unidos". Disponível em: <<https://brasile scola.uol.com.br/geografia/tio-sam.htm>>. Acesso em: 28 de out. 2019.

FIGURA 10 - TIO SAM



FONTE: FLAGG, James Montgomery. 1917. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/11/tio-sam.jpg>>. Acesso em: 11 de nov. 2019.

3.9.1.3 Metafunção Composicional

O valor de informação se polariza entre topo versus base: o desenho que retrata Bolsonaro como presidente é uma abstração da realidade, enquanto o texto da manchete situa o leitor sobre os fatos que são originalmente verídicos.

A saliência preserva o padrão notado até o presente momento: manchete e imagem com destaque máximo, chamada com proeminência intermediária.

Ainda assim, todos os três elementos estão bem conectados e são lidos como uma informação única, garantindo um *layout* desestruturado.



3.9.2 Sinopse

Sob o título de “E agora, Bolsonaro?”²², a reportagem que destrincha a capa é relativamente vaga, com pretexto incerto. Isto porque o texto começa expondo como

²² Para conferir a reportagem completa, consulte o anexo D.

as falas e pensamentos inconsistentes de Bolsonaro têm feito o mercado oscilar. No entanto, em vários trechos da matéria o candidato é apontado como um fenômeno político de dimensões superlativas - o que apesar de não ser necessariamente uma inverdade, poderia ser dito de outra forma. Além disso, no último parágrafo, a eleição de Bolsonaro é tida como certa: a revista suscita a mensagem que cabe ao povo se conformar e esperar para ver como será seu governo efetivamente.

3.9.3 Síntese

Capa e reportagem estão com os conteúdos sincronizados entre si. A matéria apresenta a figura de Bolsonaro como sendo aclamada publicamente, o que de fato é estampado na capa através da semelhança da imagem do candidato com a famosa ilustração do Tio Sam. Outro ponto em sincronia, é que a eleição de Jair Bolsonaro é tida como óbvia no texto, o que é realmente evidenciado na capa através da faixa presidencial que ele veste.

3.10 ÉPOCA: POR DENTRO DA MENTE DE BOLSONARO

A décima capa com Jair Bolsonaro é de autoria da revista Época em 22 de outubro de 2018.

FIGURA 11 - ÉPOCA: POR DENTRO DA MENTE DE BOLSONARO



FONTE: Revista Época, edição 1060. 22 de out. 2018. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/epoca/2018-10-20.html>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.10.1 Análise Semiótica

3.10.1.1 Metafunção Ideacional

A composição em questão não apresenta nenhum elemento senão parte do rosto de Jair Bolsonaro com a bandeira do Brasil desfocada ao fundo. Não se trata, portanto, de uma representação narrativa, pois não há presença de vetores ou metas. O fato do enquadramento estar destacando milimetricamente apenas a cabeça do presidente nos indica uma composição conceitual sugestiva. Ou seja, não há nenhum atributo externo qualificando o participante representado: o enquadramento e o desfoque motivado na cabeça de Jair Bolsonaro meramente reforçam atributos já intrínsecos à sua existência.

3.10.1.2 Metafunção Interacional

O participante representado não olha diretamente para o participante interativo, portanto, quanto ao contato, a composição se classifica como oferta.

O grande plano, enquadrando a cabeça de Bolsonaro, garante uma distância social mínima, o que faz sentido, já que a revista se propõe nesta edição a investigar mais de perto a mente do candidato.



O ângulo alto e frontal faz com que o presidente fique em uma posição relativamente inferior a do leitor. A escolha por essa atitude corrobora com o fato de que a revista irá analisar o presidente como paciente, deixando clara sua posição de submissão aos especialistas e ao público do periódico.

3.10.1.3 Metafunção Composicional

A escolha pela polarização topo versus base se materializa novamente, porém desta vez em um formato distinto. Isto porque nesta capa, é a que manchete ocupa o topo idealizado e mais abstrato. Enquanto isso, chamada e imagem ilustram a base concreta, a qual é interpretada de maneira mais factual e documental.

Nesse aspecto, é possível dizer que pelo posicionamento estratégico da manchete no primeiro ponto de atenção do padrão ocidental de leitura, a mesma alcança uma saliência proporcionalmente maior que a da própria imagem.

Sendo assim, com blocos desconexos que proporcionam uma leitura segmentada, o layout da capa pode ser classificado como estruturado.



3.10.2 Sinopse

Intitulada de “Biógrafo do presidenciável e três psicanalistas analisam como funciona a mente de Jair Bolsonaro”²³, a reportagem que desenreda a capa se divide em quatro artigos escritos por autores e especialistas convidados pela revista Época para analisar psíquica e comportamentalmente Jair Bolsonaro. De forma geral, os textos são bem técnicos e isentos de julgamentos frívolos - o que de fato é evidenciado quando um especialista revela que a revista solicitou que eles não introduzissem “qualquer comentário paralelo sobre o discurso político e ideológico de Jair Bolsonaro”.

Ainda assim, as verdades reveladas com as análises não são favoráveis a figura do presidenciável: o seu comportamento é comparado à psicopatia de Donald Trump em “O mito de corpo inteiro”, seu discurso baseado na emoção é desmascarado no artigo “O discurso e a exacerbação” como artifício ardiloso para fisgar os mais necessitados, seu ódio ao comunismo é tomado como uma tentativa de anular o comunismo que claramente se manifesta nele próprio na matéria “A sombra de si mesmo”, e suas falas antidemocráticas e violentas são encaradas como não-cristãs e fascistas no texto “Jair Bolsonaro, o passado do Brasil acima de tudo”. O único artigo mais ameno - “Reação e Reflexão” - e que não o desfavorece tanto apresenta os ciclos de reatividades como explicação plausível para uma possível eleição de Jair Bolsonaro.

3.10.3 Síntese

²³ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://epoca.globo.com/um-guia-para-entender-mente-de-bolsonaro-23502805>

Capa e reportagem estão em sincronia, visto que a primeira indica que a mente de Bolsonaro será submetida ao crivo de especialistas, o que de fato é confirmado no desenvolvimento do texto. Além disso, ambas procuram manter-se neutras quanto ao posicionamento político ou ideológico, deixando que as análises falem por si só.

3.11 VEJA: COMO BOLSONARO CHEGOU LÁ

A décima primeira capa com Jair Bolsonaro, agora já no posto de presidente do Brasil, data de 31/10/2018 pela revista Veja.

FIGURA 12 - VEJA: COMO BOLSONARO CHEGOU LÁ



FONTE: Revista Veja, edição 2606. 31 de out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/especial-2606/>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.11.1 Análise Semiótica

3.11.1.1 Metafunção Ideacional

Nesta composição, percebe-se o uso de uma fotografia autêntica de uma situação, prevalecendo, portanto, a representação narrativa ao invés da conceitual. Na imagem pode-se visualizar o participante representado acenando e sorrindo, o que caracteriza o processo como uma ação do tipo não-transacional: aquelas em que há a presença do ator, do vetor, porém sem a meta visível - já que não se identifica para quem Bolsonaro dirige os cumprimentos.

3.11.1.2 Metafunção Interacional

A metafunção interacional permanece neutra quanto à todas as suas categorias. O contato é do tipo oferta, já que o presidente eleito não mantém contato com o leitor. A distância social de médio plano não sugere nem proximidade, nem afastamento com o participante representado. E a atitude frontal de ângulo neutro segue o mesmo alinhamento dos demais itens.



3.11.1.3 Metafunção Composicional

Quanto ao valor de informação, a revista é bem minimalista ao reduzir os elementos, quase que praticamente, à apenas manchete e imagem, facilitando assim a percepção da diferença entre topo e base. A fotografia de Bolsonaro sorrindo e acenando idealiza um momento de felicidade, o qual se desconhece o motivo. É papel da manchete explicar que “Bolsonaro chegou lá”: dentro do contexto histórico da publicação fica claro que se trata do fato do candidato ter sido eleito presidente.

Por conta da opção minimalista também, a saliência da imagem e da manchete permanecem equivalentes em nível máximo. Tal equiparação garante uma leitura unificada, item chave para um layout desestruturado.

3.11.2 Sinopse

Sob o título principal de “O 38º presidente do Brasil”²⁴, a reportagem que elucida a capa faz parte de uma edição especial da revista Veja - uma edição documento - que trata apenas da vitória de Jair Bolsonaro nas eleições. Os mais de dez artigos que compõem a revista apresentam um ponto de vista amigável em relação ao fato de Bolsonaro ter sido eleito, não ressaltando lado negativo algum de sua eleição. De modo geral, a revista aprofunda os assuntos sob uma perspectiva que já possuía desde o princípio.

3.11.3 Síntese

Pode-se afirmar que há sincronia entre capa e reportagem, pois a primeira opta por um processo narrativo para estampar sua capa, o qual é efetivamente desenvolvido ao longo dos artigos da revista, que explicitam a trajetória de Bolsonaro até o momento e o caminho que ele deverá percorrer como presidente. Além disso, na capa, Bolsonaro ri e acena, processo narrativo reforçado na matéria através do tom amigável em relação a sua eleição.

²⁴ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/especial-2606/>

3.12 ISTOÉ: O AMBIENTE, AS EXPECTATIVAS E O CLIMA DE MEDO NO PAÍS QUE UNGIU O PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO

A décima segunda e última capa estampando Jair Bolsonaro foi publicada pela revista IstoÉ no dia 01/11/2018.

FIGURA 13 - ISTOÉ: O AMBIENTE, AS EXPECTATIVAS E O CLIMA DE MEDO NO PAÍS QUE UNGIU O PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO



FONTE: Revista IstoÉ, edição 2550. 01 de nov. 2018. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/istoe/2018-11-02.html>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

3.12.1 Análise Semiótica

3.12.1.1 Metafunção Ideacional

Esta imagem não se caracteriza pela presença de vetores, metas ou atores, sendo assim não se trata de um processo narrativo.

Ao contrário, encaixa-se muito bem em um processo conceitual, em que o foco é transmitir a essência da imagem através da manipulação. Como é possível notar, a capa trabalha com uma paleta de cores minimalista: apenas preto e branco. Do lado esquerdo, o fundo com a imagem é escuro, enquanto o nome da revista está escrito pela metade em branco; nesse lado, é possível ver a imagem de Bolsonaro sorrindo. Do lado direito, o fundo é claro, enquanto o nome da revista está escrito em preto, bem como o título da manchete, que fala sobre o medo e expectativas após a eleição de Bolsonaro. Fica clara a dualidade que se buscou representar com essas escolhas. Dessa forma, trata-se de um processo simbólico sugestivo.

3.12.1.2 Metafunção Interacional

Quanto ao contato, pode-se dizer que a capa analisada se enquadra como demanda. Ou seja, o participante representado na imagem mantém contato visual direto com o espectador.

Em se tratando de distância social, a escolha por um grande plano não parece ter qualquer motivação para diminuir a distância social: a composição permanece na neutralidade. A atitude frontal de ângulo neutro segue o mesmo alinhamento dos demais itens.



3.12.1.3 Metafunção Composicional

O valor de informação sobressalente na composição é o do eixo horizontal, dividindo a informação entre dado e novo. A imagem de Bolsonaro sorrindo é a informação já assimilada e de conhecimento do público, enquanto o bloco de texto que alerta para o medo com sua eleição é o fato que ainda precisa ser absorvido pelos leitores.

A saliência da imagem e da manchete permanecem equivalentes em nível máximo. Tal equiparação garante uma leitura unificada, item chave para um layout desestruturado.

3.12.2 Sinopse

Intitulada de “Em busca de Messias”²⁵, a reportagem que desenreda a capa mantém do início ao fim um tom de receio quanto à eleição do, agora presidente, Jair Bolsonaro. O texto não ataca, mas também não enaltece o recém-eleito presidente, deixando claro, no entanto, que a história política brasileira não dá sinais que Jair Bolsonaro foi uma boa escolha. Além disso, é reforçada a máxima de que o presidente não pode tudo - após o intertítulo “Princípio da impessoalidade” -, e que mesmo com histórico de insubordinação, Bolsonaro deve respeitar a democracia - bem como os brasileiros devem se manter cautelosos e em alerta.

3.12.3 Síntese

A dualidade de cores e sentimentos, estampados na capa, é reiterada durante a matéria, que deixa em suspensão um tom de receio quanto ao fato de Jair Bolsonaro ter sido eleito. Além disso, a perspectiva geral do texto é de seriedade e apreensão, elementos muito bem representados pela escolha sóbria do preto e branco. Sendo assim, a sincronia entre capa e reportagem é evidente.

²⁵ Para conferir a reportagem completa, acesse: <https://istoe.com.br/em-busca-de-messias/>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que desde o início norteou este projeto era verificar o posicionamento político adotado pelas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* na construção da imagem de Jair Bolsonaro. A investigação desse posicionamento midiático teve foco desde o princípio na análise visual das capas das revistas que contivessem o presidencial, deixando a reportagem como elemento a ser analisado em segundo plano.

Para apurar o questionamento da problemática e seguir com o foco no texto visual, optou-se por adotar o referencial teórico da Semiótica Visual Social proposto por Kress e Van Leeuwen (2006). Dessa forma, doze capas de revistas foram analisadas, segundo os conceitos apresentados pelos autores no livro “Gramática do Design Visual” (2006). Posteriormente, as mesmas capas foram comparadas com as sinopses das matérias que as acompanhavam, traçando ao final desse processo uma síntese para checar a sincronia entre ambas.

Por meio desta metodologia, os objetivos específicos almejados no início da pesquisa foram alcançados. O primeiro deles tratava de identificar as representações adotadas por cada capa, e o posicionamento estabelecido visualmente. O objetivo foi concretizado com a análise semiótica de cada edição, a qual revelou uma preferência das revistas em relação ao processo conceitual na metafunção ideacional: sete das doze edições contavam com representações conceituais, sejam elas sugestivas ou atributivas.

Sendo assim, a hipótese de que todas as revistas retrataram o presidencial da mesma forma se confirma parcialmente: mais da metade das revistas utilizam, de fato, um processo conceitual como princípio semiótico visual norteador da capa.

No entanto, o conteúdo apresentado e a forma de utilização desse princípio variaram bastante entre elas, corroborando para que o objetivo de salientar as semelhanças e diferenças entre as revistas fosse alcançado. A revista *Veja*, por exemplo, a que mais se valeu do processo conceitual, tinha um padrão muito mais óbvio de manipulação imagética, enquanto a *Época*, por outro lado, se mantinha sóbria. *IstoÉ* foge do padrão, já que em três das cinco capas de sua autoria, o processo a que recorreu não foi conceitual, mas sim narrativo.

Por outro lado, todas mostraram predileção pela polarização topo versus base, na metafunção composicional; bem como optaram, na maior parte das vezes,

por uma representação do tipo oferta com planos variando de médio a grande, no que diz respeito à metafunção interacional.

O segundo objetivo dava conta de indicar qual era o ponto de vista assumido nas reportagens que destrincham as capas. Com a sinopse de cada uma das matérias, este propósito também logo foi cumprido - e outra hipótese, a de que todas as revistas teriam posicionamentos em prol de Jair Bolsonaro, foi posta à prova. Entre as três, não foram todas que se posicionaram favoravelmente ao candidato, agora presidente, Jair Bolsonaro. Na verdade, a opinião dos periódicos ficou dividida: cinco tomam partido em prol do presidencial, uma permanece neutra e seis contra. A revista *Época* manteve-se totalmente contrária; *Veja* majoritariamente a favor; e *IstoÉ* praticamente neutra, com duas matérias a favor e três contra.

O terceiro objetivo visava observar convergências e divergências entre o posicionamento visual e textual de cada uma das edições publicadas. Por meio de uma síntese que se dedicou a comparar o conteúdo de cada capa e reportagem, além de mais um objetivo ter sido concretizado, também foi verificada a legitimidade de outra hipótese: a de que as capas não corroboram com as reportagens. De fato, essa suposição foi totalmente refutada, visto que nove das doze edições conseguem sincronizar de maneira eficiente o conteúdo de ambas.

O último objetivo tinha como prerrogativa destacar as oscilações de ponto de vista das revistas ao longo do período eleitoral de 2018. Sobre isso, pode-se dizer que tanto *Veja* quanto *IstoÉ* variaram o posicionamento de forma inconstante. *Veja*, por exemplo, apresentou uma única edição contrária a Bolsonaro - curiosamente, foi a "Facada da Intolerância", evento que poderia facilmente ser usado para tomar partido favoravelmente ao presidencial. *IstoÉ*, em contrapartida, seguiu, ligeiramente, um padrão: antes do episódio da facada foi explicitamente contrária; após e até as eleições foi moderadamente a favor; e por fim, com o presidente Jair Bolsonaro eleito, retomou o posicionamento negativo.

Época manteve-se contrária ao candidato, como já foi explicitado no segundo objetivo. Porém, cabe notar que das doze capas, *Época* somou apenas duas edições. Ou seja, durante o período eleitoral a revista não retratou exclusivamente a figura de Jair Bolsonaro em nenhum outro momento - nem no episódio da facada, nem em ocasião da sua vitória. Ela pode, obviamente, ter discutido assuntos e temas relativos ao atual presidente, porém sem estampá-lo na capa. Corroborando com o discurso

adotado nas edições analisadas, a ausência de mídia gratuita para Bolsonaro revela da mesma forma um posicionamento contrário.

Por fim, cabe dizer que todos estes resultados e análises foram fruto de um trabalho árduo de internalização da semiótica visual social proposta por Kress e Van Leeuwen. O que quero dizer é que para um leitor comum, muitos aspectos e detalhes visuais presentes nas capas passariam despercebidos: uma boa parte delas, inclusive, provavelmente seria classificada pelo público como uma representação negativa de Jair Bolsonaro - enquanto algumas são, sob análise, sutilmente positivas.

Sendo assim, bem como os autores, acredito piamente que a carência de um sistema de alfabetização visual, principalmente nas civilizações ocidentais, pode influenciar na capacidade crítica dos indivíduos. A hipótese, pauta para um futuro projeto, poderia ser facilmente validada através de uma pesquisa qualitativa para verificar o nível de entendimento de determinada amostra sobre as revistas. Para além disso, verificar a outra ponta do processo de comunicação também seria extremamente proveitoso academicamente: entender a cadeia de produção das capas e das reportagens; e observar os limites e diretrizes que o criativo deve seguir, proporcionaria uma outra perspectiva sobre o resultado final estampado em cada edição.

Ainda com tantas possibilidades a serem exploradas em âmbito acadêmico, espera-se verdadeiramente que este projeto tenha sido capaz de colocar em destaque a Semiótica Visual Social, bem como demonstrar que a sua aplicação pode ser relevante para pautar o posicionamento midiático sobre determinados assuntos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo. Umberto Eco: a criação do leitor modelo. Ensaios e notas, 2 de nov. 2014. Disponível em: <<https://ensaiosnotas.com/2014/11/02/umberto-eco-a-criacao-do-leitor-modelo/>>.

Acesso em: 4 de jun. 2019.

AMARAL, Oswaldo E. A renovação conservadora na câmara. Jornal El País Brasil, 9 de out. 2018. Disponível em: <

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/09/politica/1539044661_952017.html>.

Acesso em: 5 de jun. 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHARLEAUX, João Paulo. O que foram afinal as Jornadas de Junho de 2013 e no que elas deram. Nexo Jornal, São Paulo, 17 de jun. 2017. Disponível em: <

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-asJornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>>. Acesso em: 7 de jun. 2019.

ECO, U. Os limites da Interpretação. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ENOCH, Simon. Teoria: o modelo da propaganda. Escola de Ativismo, 25 de dez.

2016. Disponível em: <<https://medium.com/@EAtivismo/teoria-o-modelo-dapropaganda-66febea2b969>>. Acesso em: 5 de jun. 2019.

FLAGG, James Montgomery. 1917. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/11/tio-sam.jpg>>. Acesso em: 11 de nov. 2019.

GUEDES, Nicoli Glória de Tassis. Jornalismo e Construção Social da Realidade: Uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea.

INTERCOM, Curitiba, dez. 2009. Disponível em <

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1820-1.pdf>>. Acesso em: 6 de jun. 2019.

HALLIDAY, Michael. Explorations in the Functions of Language. Londres: Edward Arnold, 1977.

JÚNIOR, João Baptista de Almeida. Ter olhos de ver: subsídios metodológicos e semióticos para a leitura da imagem. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1989.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Reading Images: The Grammar of Visual Design. Londres: Routledge, 2006.

LOPES, Marcos Carvalho. Umberto Eco: da “Obra Aberta” para “Os Limites da Interpretação”. Revista Redescrições, ano 1, n.4, 2010.

MELLO, João. Sociólogo diz que sociedade está ‘enfeitiçada’ pela manipulação de mídia. GGN, 13 de nov. 2015. Disponível em:

<<https://jornalggn.com.br/midia/sociologo-diz-sociedade-esta-enfeiticada-pelamanipulacao-da-midia/>>. Acesso em: 7 de jun. 2019.

MESSAGI JR., Mário. Outros junhos virão: Protestos organizados em rede e as democracias radicalizadas. Curitiba, Kotter Editorial, 2019.

ROS, Helen. Qual a diferença entre identidade e imagem de marca?. Blog Ideia Embalagens, 2017. Disponível em: < <https://blog.ideiaembalagens.com.br/qual-adiferenca-entre-identidade-e-imagem-da-marca/>>. Acesso em: 6 de jun. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de lingüística general. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SILVA, Monica Maria Pereira da; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Linguagem Verbal, Linguagem Visual: Reflexões Teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico-Funcional. Revista Odisseia, Natal, RN, v. 3, n. 1, p. 36-56, jan.-jun. 2018.

URQUIZA, M.; MARQUES, D. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. Entretextos, Londrina, v. 16, n. 1, p. 115-144, jan./jun. 2016. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/20988/20014>>. Acesso em: 7 de jun. 2019.

WEBER, Carolina Teixeira. Gatekeeper e gatwatching – repensando a função de selecionador no webjornalismo. INTERCOM, Novo Hamburgo, mai. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0493-1.pdf>>. Acesso em: 9 de out. 2019.

ANEXO A - VEJA: A AMEAÇA BOLSONARO

A AMEAÇA BOLSONARO

O presidenciável se consolida na vice-liderança das pesquisas, mas suas ideias extremistas, seu discurso agressivo e seu isolamento político são um sinal de alerta para o perigo que oferece

ANA CLARA COSTA

O deputado Jair Bolsonaro quer ser presidente do Brasil. O deputado Jair Bolsonaro tem chances reais de vir a ser presidente do Brasil. Há alguns anos, essas duas frases juntas fariam a maior parte dos brasileiros rir às escâncaras. Hoje, provocam reações diversas, que vão da celebração ao pavor, mas não incluem mais as antigas gargalhadas. A mais recente pesquisa do instituto Datafolha mostra que o deputado se consolidou em segundo lugar na corrida eleitoral para a Presidência da República, com 17% das intenções de voto no primeiro turno, atrás apenas do líder de sempre, o ex-presidente Lula, com 35%. Os números significam que, se o petista desistir ou for impedido de concorrer por motivos penais, hipótese cada vez mais provável, Bolsonaro é hoje o candidato com maior chance de assumir a liderança. É uma novidade e tanto — e talvez a maior ameaça que o Brasil já enfrentou no atual ciclo democrático.

Debulhando-se a pesquisa, constata-se que Bolsonaro tem um desempenho especialmente favorável entre os jovens, na faixa de 24 a 32 anos, do sexo mas-

culino, com renda acima de cinco salários mínimos, que residem em cidades com mais de 50 000 habitantes das regiões Sudeste e Nordeste. Isso mostra que o grosso do seu público não viveu sob a ditadura militar e pertence a um segmento da classe média. Não é o pedaço mais expressivo do eleitorado brasileiro, mas já reúne entre 20 milhões e 30 milhões de pessoas, dependendo dos nomes que aparecem na cédula.

Com esse apoio, Bolsonaro colocou definitivamente a direita radical no jogo eleitoral, num país que, há poucos anos, tinha vergonha de expor ideais dessa tendência. “Eu sempre fui de direita, mesmo quando isso era crime”, orgulha-se. Sua ascensão ganhou um impulso monumental justamente de seu maior inimigo — o PT, que, com a desmoralização provocada pela revelação de seus instintos criminosos, conseguiu imprimir um estrago histórico à esquerda brasileira. Antes de Bolsonaro, o maior sucesso da direita extremista foi protagonizado por Enéas Carneiro, um cardiologista folclórico e estridente que se celebrou pelo bordão “Meu nome é Enéas” e te-

ve 7% dos votos na eleição de 1994 — e que, não por acaso, é um dos ídolos de Bolsonaro (veja na pág. 46).

Bolsonaro já é maior que dois Enéas. É recebido com fanfarra nos aeroportos por fãs entusiasmados, é solicitado para selfies até nos corredores do Congresso. Numa noite recente, depois de ser abordado por uma dezena de deputados em sessão da Câmara, comentou com a reportagem de VEJA, que o acompanhava: “Ouvii o que me disseram lá dentro? ‘Vou estar contigo no ano que vem.’ Não tem opção, cara”. Apesar dos rapapés e uivos, Bolsonaro vive em isolamento político. Não tem ligação sólida com nenhum partido. Em quase três décadas como deputado, conseguiu aprovar apenas dois projetos e virou um saltimbanco de siglas. Pertenceu ao PDC, PP, PPR, PPB, PTB, PFL, PSC e, agora, está prestes a aderir ao PEN, cujo nome está mudando para Patriotas. No PSC, sua legenda anterior, quem lhe abriu as portas foi o pastor Everaldo Dias Pereira, aquele que a Odebrecht acusou de cobrar 6 milhões de reais para dar apoio ao candidato presidencial Aécio Neves, do PSDB. O pastor, aliás, tornou-se tão íntimo de Bolsonaro que o convenceu a cruzar o Oceano Atlântico pela primeira vez, no



BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR E
OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM



DO QUARTEL AO PALANQUE Em seu casamento com a primeira mulher, Rogéria, em 1978 (1); liderando manifestação por melhores salários para as Forças Armadas, em Brasília, em 1984 (2); os filhos Carlos, Eduardo e Flávio, em agosto de 2017 (3); no Congresso Nacional durante a votação do impeachment, em que homenageou o coronel Brilhante Ustra, conhecido torturador na ditadura militar, em abril de 2016 (4); com a terceira esposa, Michelle, em agosto de 2017 (5)

ano passado, para visitar Israel e ser batizado no Rio Jordão, junto com seus quatro filhos mais velhos.

Bolsonaro não oferece a seus eleitores um conjunto concatenado de ideias, não articula uma visão de Estado nem se alinha com nenhuma escola econômica. “Sou ignorante em economia”, confessa. Mas, entre suas ideias, observa-se uma tendência conspiratória, comum entre os militares, seguindo a qual os estrangeiros estão sempre tramando para afanar as riquezas nacionais (*veja o quadro na pág. 47*). Outro sinal do isolamento está em seu entorno. Seus conselheiros mais próximos são os três filhos mais velhos, do primeiro casamento: o deputado estadual Flávio Bolsonaro, a quem o pai chama de Zero Um; o vereador Carlos Bolsonaro, o Zero Dois; e o deputado federal Eduardo Bolsonaro, o Zero Três, todos do PSC. Em tempos de Lava-Jato, Bolsonaro vende seu isolamento político como um ativo. “Nenhum partido vai querer se coligar comigo porque sabem que não sou ‘piranha’ para receber cer-

tas propostas indecorosas”, diz. Apresentar-se como um solitário lírio no lodo pode parecer positivo, mas esconde um perigo. “Não ter uma base ampla e organizada não é novidade em uma eleição. Outros candidatos menos asquerosos disputarão as eleições de 2018 também sem amplas bases. Isso tudo coloca um problema: como conseguirão maioria parlamentar que dê sustentação às decisões? Todos os isolados teriam de responder a isso”, diz o sociólogo Demétrio Magnoli, da Universidade de São Paulo, que, em seguida, toca no ponto fulcral: “Agora, no campo da especulação, um presidente isolado com o perfil de Bolsonaro pode tentar apelar diretamente ao povo, por cima das instituições de mediação democráticas, como já vimos acontecer em outros países. Isso é uma ameaça à democracia porque põe em risco não a relação direta entre o presidente e o povo, mas sim as mediações entre o po-

der e o povo, que são fundamentais em um Estado democrático”.

O mesmo isolamento se verifica no ambiente em que Bolsonaro passou a juventude e parte da idade adulta, as Forças Armadas. Ali, o capitão da reserva faz sucesso entre as baixas patentes, mas é visto com desconfiança pelo comando, que não apoia sua candidatura presidencial, tampouco enxerga com bons olhos o empenho do capitão da reserva em personificar a imagem da corporação. Há dois meses, na cerimônia de entrega do espadim de Duque de Caxias, na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), Bolsonaro ganhou tratamento de celebridade por parte dos 450 cadetes e seus familiares, mas teve recepção fria entre quem tinha mais estrelas no peito. Generais fingiam ignorar sua presença. O ministro da Defesa, Raul Jungmann, sentou-se o mais distante possível dele. Com esse clima de indiferença, na mesa que Bolsonaro dividiu com a terceira mulher, Michelle, alguém comentou: “As Forças Armadas estão cheias de comunistas. Só por isso





FOTOS: ANTONIO MELINA, CRISTIANO MANIZ

os militares permitiram que o PT ficasse tanto tempo no poder”.

Na corporação — na qual Bolsonaro é chamado de “bunda-suja”, termo usado pelos militares de alta patente para designar os que não galgaram posições na carreira —, o presidente deixou um passado de insubordinação que a alta hierarquia não esquece. Em 1986, Bolsonaro escreveu um artigo em VEJA reclamando dos salários e benefícios dos militares. No ano seguinte, uma reportagem, também de VEJA, revelou que ele urdira um plano para explodir bombas em locais públicos e chamar a atenção do Exército para seu pleito de aumento do soldo militar (fato que ele nega até hoje). Um processo foi aberto para investigar o caso e Bolsonaro foi absolvido pelo Superior Tribunal Militar, numa decisão que ainda é contestada. Mas as marcas do episódio ficaram nos arquivos do Exército, onde Bolsonaro é tido como um militar dado a “proselitismos políticos”.

A ilha política em que se transformou, no mundo civil ou militar, convi-

ve bem com suas posições extremadas. Em nome delas, Bolsonaro já foi classificado de quase tudo: homofóbico, racista, xenófobo, misógino, fascista. Ele atribuiu tudo a acusações distorcidas ou a pura armação promovida por inimigos da esquerda — ou, para usar sua definição predileta, “os imbecis”. Sua artilharia verbal insultuosa, que mira quase sempre as minorias, tem lhe rendido dissabores na medida em que sua popularidade cresce. Na semana passada, ele foi condenado por mais uma ofensa — nesse caso, contra os quilombolas. Em abril, em palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, rememorou uma visita a um quilombo e disse que “afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas”. E acrescentou: “Não fazem nada. Eu acho que nem para procriadores eles servem mais”. A juíza Frana Elizabeth Mendes, da 26ª Vara Federal do Rio, que o condenou a pagar indenização de 50 000 reais, deu-lhe um pito público: “Política não é piada, não é brincadeira”. E acrescentou que um parlamentar tem “o dever de

assumir uma postura mais respeitosa com relação aos cidadãos”.

As intervenções provocadoras, destinadas mais a ofender opositores do que a clarear ideias, são uma marca de Bolsonaro. Na votação do impeachment de Dilma Rousseff, ele fez questão de dedicar seu voto a Carlos Alberto Brilhante Ustra, o famoso “doutor Tibiriçá” dos porões da tortura do regime militar. Embora Ustra esteja entre seus mentores intelectuais, Bolsonaro, ao mencioná-lo, queria apenas ofender os adversários políticos, sobretudo a própria presidente Dilma, que sofreu o suplício da tortura durante a ditadura. Dilma construiu todos os motivos para ser apeada do Palácio do Planalto, mas ter sido torturada não é um deles.

O discurso agressivo de Bolsonaro encaixa-se no clima politicamente polarizado do Brasil atual e faz sucesso entre uma camada de eleitores, mas talvez só ajude a radicalizar ainda mais o ambiente político. Diz Maurício Santoro, cientista político da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: “Assim como ocorre

com Trump e Marine Le Pen, muitas das declarações de Bolsonaro extrapolam a legalidade e são explicitamente racistas, discriminatórias ou de incitação ao crime. Só em 2017 ele já foi condenado duas vezes por incentivar o estupro e por agressões verbais contra negros. Agora, o que aconteceria se ele estivesse numa posição forte no Poder Executivo, como a Presidência da República? Ele provavelmente não hesitaria em promover discursos de ódio contra adversários ideológicos, o que pode ter consequências nefastas num país que já é muito violento". A hostilidade ao diálogo não é novidade para Bolsonaro. Ele tem por hábito fugir de situações que não domina para evitar ser confrontado. Só viaja a locais onde é convidado por grupos de seguidores que defendem suas ideias. Os convites costumam partir de deputados estaduais e federais e de empresários locais.

Entretanto, há um ambiente — o digital — em que Bolsonaro reina soberano. Tem 5,5 milhões de seguidores nas redes sociais, muito mais do que o ex-presidente Lula, por exemplo, que tem 3,2 milhões. Na companhia permanente de um celular, ele mesmo fica praticamente todo o tempo on-line. Quem comanda seu núcleo virtual é o filho Flávio, o Zero Um. Ele criou um repertório de vídeos, memes e gritos de guerra de fácil assimilação e viés radical (com pequenas variações, são as seguintes as frases preferidas dos seguidores do deputado: "Bandido bom é bandido morto", "Comunista tem que morrer, gay e feminazis também", "Não gostou? Vai pra Cuba"). Recentemente, fez sucesso nas redes o tuíte em que o "Mito", como o deputado é chamado por apoiadores, elogia o vídeo do general Hamilton Mourão, que defendeu uma intervenção militar no Brasil. "Ele (*refere-se a Mourão*) falou como um brasileiro qualquer que está indignado com esse estado de putrefação da política brasileira", disse. Urros e vivas espocaram no Facebook.

OS MENTORES INTELECTUAIS

Entre os ídolos declarados de Bolsonaro estão expoentes da ditadura e ativistas de extrema direita que acreditam que o Brasil está prestes a ser tomado por comunistas



O GENERAL

Ex-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) e ex-comandante militar do Planalto, o general Newton Cruz foi réu na ação penal do atentado do Riocentro. Para Bolsonaro, o militar é uma "inspiração"

O PATRIOTA

Morto em 2007, Enéas Carneiro especializou-se em discursos de teor nacionalista. Bolsonaro quer o ex-deputado no Livro dos Heróis da Pátria



O TORTURADOR

O coronel Carlos Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-Codi, foi responsabilizado por torturas cometidas durante a ditadura. Bolsonaro o considera "herói"



O PROFESSOR

Radicado nos Estados Unidos, o filósofo Olavo de Carvalho é o guru dos ultraconservadores e diz que não houve ditadura no Brasil. É consultor informal de Bolsonaro para assuntos externos

Atento à importância das redes sociais, Bolsonaro é zeloso com sua imagem digital. Na Câmara, ele percorre a passos largos e rápidos a distância de 400 metros que separa o Salão Verde de seu gabinete, no Anexo III (a “favela da Câmara”, diz ele). O gabinete de seu filho Eduardo, onde costuma receber visitas, é decorado com distintivos da Polícia Federal e da NRA, a poderosa associação que faz o lobby pró-armas nos Estados Unidos. No percurso, um entusiasta o parou para pedir que gravasse em vídeo palavras de apoio a uma campanha de sua cidade pela renovação das armas da Polícia Civil. Outro quis uma selfie para mostrar à mulher, “fã” do deputado, segundo disse. Minutos depois, jovens da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) abordaram o parlamentar. Queriam seu apoio para “desmistificar a ideia de que a universidade é bolivariana”. Esses, o deputado nem parou para ouvir. “Imagine se assinou alguma coisa desse lugar. Depois sou esculhambado.”

Nascido em Glicério, no interior de São Paulo, Bolsonaro criou-se em Eldorado, no Vale do Ribeira, um lugarejo de 20 000 habitantes. Ali, o grosso dos moradores atribui o atraso da cidade à demarcação de reservas ambientais, que impediriam a exploração agrícola. De família modesta (seu pai fabricava próteses dentárias, a mãe é dona de casa), ele frequentava a escola pública, era goleiro do time de futebol local e aturava a gozação dos colegas por causa do jeito desengonçado com que apanhava a bola. Seus passatempos eram caçar passarinhos com espingarda de chumbo, pescar no Rio Ribeira, ouvir no rádio o programa de Tônico e Tinoco, assistir aos filmes de Mazzaropi e — desde cedo, garante quem conviveu com ele — falar mal de comunistas. Segundo o professor Olavo Amado Ribeiro, hoje com 85 anos, de quem Bolsonaro foi aluno de português e educação moral e cívica, ele já era na

“SOU IGNORANTE EM ECONOMIA”

Mesmo assim, Bolsonaro se declara contrário à política de aumento de juros para combater a inflação e votou contra o pacote fiscal de resgate do Rio

TAXA SELIC Bolsonaro critica a política de aumentar juros para conter a inflação — o baluarte do pensamento liberal. Para ele, o Banco Central só cortou a Selic no último ano para “beneficiar banqueiros”, que temiam que os juros altos tornassem a dívida pública impagável, pondo em risco a rentabilidade de títulos públicos nos quais os bancos investem. “Banqueiro não quer levar calote”, diz. Bolsonaro afirma que defende a queda da Selic “há muito tempo”. Mas diz ser criticado por essa convicção porque o mercado acredita que “é pecado” o governo intervir na política de juros.

PRIVATIZAÇÕES Sobre as privatizações anunciadas por Temer, ele se esquivou de dizer se manterá o plano caso seja eleito. “Tem coisa que dá para privatizar para acabar com o loteamento político. Mas setor estratégico não se privatiza. Nos Estados Unidos, é o Exército americano que cuida das hidrelétricas. Algumas coisas não podem sair da tutela do Estado. Chamam os militares de estatizantes, mas como fazer Itaipu com dinheiro privado?” Contudo, Bolsonaro votou a favor de desobrigar a Petrobras de participar dos leilões do pré-sal e discordou quando o governo Dilma determinou que a empresa tivesse participação obrigatória de 30% nos consórcios.

AJUSTE FISCAL Bolsonaro nunca esteve alinhado à agenda de corte de gastos públicos nos seus sete mandatos como deputado. Sempre defendeu corporações do funcionalismo, em especial os militares, sua ba-

se eleitoral, votando a favor de reajustes salariais e de pensões. Neste ano, opôs-se ao pacote fiscal de resgate do Rio de Janeiro, que previa a venda de estatais fluminenses e a redução de benefícios de servidores. Mas, numa flagrante contradição, causou revolta nos próprios eleitores ao votar a favor da proposta que estabelece um teto de gastos para o governo em 2016, apesar de ter discursado contra a medida.

EQUIPE ECONÔMICA Bolsonaro diz receber conselhos de um economista do setor financeiro cuja identidade não revela. Afirma ainda não ter pensado em um nome para assumir a Fazenda, caso ganhe. Costuma dizer que os generais não eram economistas e fizeram o Brasil crescer como nunca nos anos 1970. “Sou ignorante em economia, mas foram os especialistas que levaram o país para o buraco”, declara, deixando de lado o fato de que foram os especialistas que venceram o ciclo de hiperinflação.

CHINA Ele faz críticas à China, país ao qual o Brasil “está entregando o seu solo e subsolo”, segundo diz. Tem obsessão pela ideia de que o Brasil possui riquezas geológicas pouco exploradas, como o nióbio e o grafeno, que, um dia, serão tomadas pelos chineses. “O chinês não tem coração. Não manda seus homens para o Afeganistão nem para lutar no Iraque. Manda homens de negócios para comprar tudo. A China está garantindo sua segurança alimentar com as nossas terras, e vamos nos tornar inquilinos dela”, diz.



VIVA O GOLPE O general Mourão, que defendeu uma intervenção militar, é apenas “um brasileiro indignado com esse estado de putrefação da política brasileira”, escreveu o deputado

adolescência um dos mais ácidos críticos de João Goulart, presidente derrubado no golpe de 1964. Mas o jovem Bolsonaro não era uma voz dissonante na cidade. “Eldorado não tinha esquerdistas”, diz o professor.

O episódio que mais moldou a forma de Bolsonaro, porém, deu-se com a chegada à região da trupe de Carlos Lamarca, o líder da VPR, organização guerrilheira de extrema esquerda. Em 8 de maio de 1970, um enfrentamento com soldados locais terminou com troca de tiros na praça de Eldorado. Bolsonaro, então com 15 anos, estava na escola no momento dos ataques. Ele lembra que os professores, amedrontados pelos tiros, esvaziaram as salas de aula e mandaram as crianças atravessar a praça rastejando para se proteger das balas. Seis soldados e uma moradora foram feridos, mas ninguém morreu. O episódio marcou para sempre a cidade e fez com que o Exército direcionasse tropas para o Vale do Ribeira. Os soldados que se confrontaram com Lamarca e a VPR, vistos como heróis, passaram a receber visitas constantes do jovem Bolsonaro, a quem estimularam a entrar na carreira militar.

Na década de 70, coube ao seu pai, Percy Bolsonaro, trazer a política para dentro da família. Ele foi candidato a prefeito em Eldorado pelo MDB, que fa-



zia oposição ao regime militar, mas não se elegeu. Gostava de “uma cervejinha” e não era “muito rígido” com os filhos. Algumas de suas características contrastavam com as de Bolsonaro desde cedo. “O Jair sempre foi mais radical e conservador que o pai”, diz o professor Ribeiro. Tanto que, em algumas ocasiões, seu Percy julgava que o filho se excedia no “anticomunismo”. Soltava um “o Jair é doido, é um exagerado”. A família, contudo, sempre se entusiasmou com a entrada do filho nas Forças Armadas. A prova disso é que, quando Bolsonaro decidiu abandonar o Exército para se dedicar à política, o pai foi até o Rio de Janeiro para demovê-lo da ideia. Fracassou. Agora, o filho está em segundo lugar nas pesquisas — e passou a levar a sério suas chances de chegar lá.

Tanto que, neste 7 de outubro, Bolsonaro embarca para sua primeira visita como político aos Estados Unidos. Seu cicerone será o filósofo ultraconservador Olavo de Carvalho, que mora lá e convidou o candidato para um road show no país. “Vamos conversar com investidores, membros do Partido Republicano e do governo de Donald Trump”, revela o deputado. Será a se-

gunda viagem de Bolsonaro aos EUA. A primeira foi nos anos 2000, quando levou os filhos a Orlando. O político afirma que não gosta muito de viajar. Prefere passar o tempo livre no condomínio em que mora — com 100 casas de frente para o mar, na Barra da Tijuca. Ultimamente, anda cismado com segurança. Conta que, outro dia, viu um assalto em que o ladrão disparou um tiro para cima. Pensou que o episódio poderia ser “um alerta” para ele. Bolsonaro suspeita da existência de um “sistema” interessado em eliminá-lo “pelo fato de ser um *outsider*”. “O patinho horroroso está ficando bonito. Por isso querem me tirar. Mas vão ter de tirar na mão grande”, desafia, supondo que, mesmo que saia vitorioso, não estará imune a investidas para apeá-lo do cargo. “O sistema não me quer ali. Não quer que eu escolha ministros do Supremo”, diz.

Como todo populista, Bolsonaro tem uma solução simples para cada problema complexo. Contra a violência, propõe “dar armas ao cidadão de bem”. Ele também quer o fim do regime de progressão de pena e, para abrigar o número crescente de condenados, sugere “construir presídios agrícolas,

para o preso produzir alguma coisa e trabalhar, e não ser um fardo para o Estado". Em suas entrevistas, ele aceita discorrer apenas sobre temas que "domina", como a exploração de metais por estrangeiros. Vencer o desemprego e fomentar o crescimento econômico, para Bolsonaro, é uma equação que se resolve com "segurança pública". "Que empresário estrangeiro vai investir no Brasil se não podemos nem andar na rua?", questiona. Contudo, se o empresário for chinês, ele não quer. "Os chineses estão se apropriando de nosso subsolo e, em breve, de nosso solo", reclama. "Vamos virar inquilinos da China", profetiza. Para o deputado, a exploração chinesa do nióbio (metal usado como liga na produção de aços especiais), em Goiás, é "um crime de lesa-pátria". Numa mistura de nacionalismo e nostalgia, ele apregoa que as riquezas minerais deveriam ser liberadas para extração pelos brasileiros. "O que seria do Brasil sem os bandeirantes que exploraram os diamantes? Teríamos um terço do território atual se não fossem eles. É preciso parar de tratar o garimpeiro como bandido no Brasil."

Entre os especialistas ouvidos por VEJA, nenhum se arrisca a apostar que o deputado saia vitorioso de um pleito presidencial. Mas o fato de um grande grupo de brasileiros se engajar na campanha precoce de um candidato como ele causa preocupação. "Bolsonaro é contra todo o ideário que edifica uma democracia sólida, o que inclui a defesa dos direitos humanos e o combate à desigualdade", diz Ricardo Sennes, da consultoria política Prospectiva. "Ele opta sistematicamente por partidos cada vez menores e cria um cenário que remete ao do ex-presidente Fernando Collor quando se filiou ao PRN. Essa falta de coalizão resultaria numa dificuldade de governar tamanha que um impeachment poderia se tornar inevitável." Caminhando sozinho, um candidato pode até vencer a eleição, mas governar sozinho ninguém governa. ■

LOUVADA SEJA A CRISE

Melhor o conflito purificador do que a calmaria da lama eterna

ACOSTUMADO À acomodação, ao conforto das aparências falsamente apaziguadoras, o Brasil é a tal ponto avesso a enfrentamentos, tem tanto horror a lidar com consequências que se habituou a ver crises institucionais onde há apenas turbulências normais no ambiente de uma democracia necessitada de profundas correções de rumo como a nossa.

Há décadas não vivemos problemas institucionais sérios, cuja característica é o rompimento das regras do jogo. Tivemos vários episódios desses no século passado, o mais recente deles em 1964, que custou vidas e nos manteve amordaçados, subtraídos de liberdade. Portanto, convém não banalizar o conceito e não confundir as tensões do embate democrático com ruptura institucional.

Diferente é a situação de desajustes que nos acostumamos a chamar de crise, a despeito do desgaste do termo. Passamos por dois episódios de impedimento presidencial, vimos um senador ser preso no exercício do mandato, um presidente da Câmara retirado do posto e dois senadores (um deles presidente da Casa) punidos, um com o afastamento do cargo e o outro suspenso das funções legislativas por determinação do Supremo Tribunal Federal. Além disso, assistimos constantemente a embates verbais entre magistrados, promotores e parlamentares.

Nada disso, porém, se enquadra na definição de crise institucional, nem de longe caracteriza ruptura das normas em vigor mediante atos de força. Em 1964, João Goulart foi deposto pelos militares sem que houvesse previsão legal para isso. Em 1992 e 2016, Fernando Collor e Dilma Rousseff foram afastados da Presidência

por crimes de responsabilidade devidamente previstos em lei. Tanto ambos os atos não se caracterizaram como crises institucionais que a vida seguiu normal no país sem o menor risco à democracia.

Estamos imunes à ocorrência de quebra da normalidade institucional? Claro que não, mas conviria que não se banalizasse o assunto, até para facilitar o reconhecimento da aproximação de uma verdadeira crise institucional e dela nos defendermos. Não é a fala de um general nem as opiniões contudentes e divergentes entre si de ministros do STF o que pode abalar um regime. Da mesma forma,

não há esse perigo em atritos circunstanciais entre os poderes. A harmonia entre eles prescrita na Constituição não pressupõe, nem poderia pressupor, a inexistência de posicionamentos de um e de outro. Ainda mais num momento em que assistimos a

uma série de episódios inéditos no país.

Esquisito seria se esse revolver de entranhas não provocasse reações e turbulências. Muita lama vem sendo remexida, vários escombros sendo removidos, e isso desperta coragem em alguns, provoca pavor em outros, causa um desconforto generalizado que dá margem à sensação de que o Brasil está pior do que jamais esteve.

Na verdade, está muito melhor, pois enfrenta a realidade, que pode até ser feia de ver, mas ficaria cada vez mais horrorosa se ignorada em nome de uma suposta e ilusória paz. De onde a crise é bem-vinda naquilo que a palavra significa em termos de oportunidade. Antes o conflito purificador do que a calmaria da lama eterna. ■



ANEXO B - VEJA: BOLSONARO CRESCE. E ASSUSTA

A AMEAÇA É REAL

Bolsonaro cresce no voto espontâneo, e surge um desafio: como lidar com um candidato que é um retrocesso no social e uma incógnita na economia



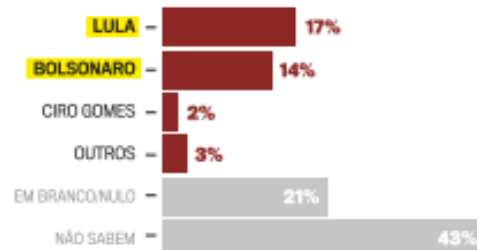
ENTRE DOIS POLOS

Pesquisa feita pela consultoria Ideia Big Data com 2 036 eleitores mostra que Bolsonaro se fortalece na disputa, e Lula, mesmo preso, continua sendo lembrado pela maior fatia do eleitorado. Os números também revelam que nenhuma candidatura de centro conseguiu, até agora, empolgar

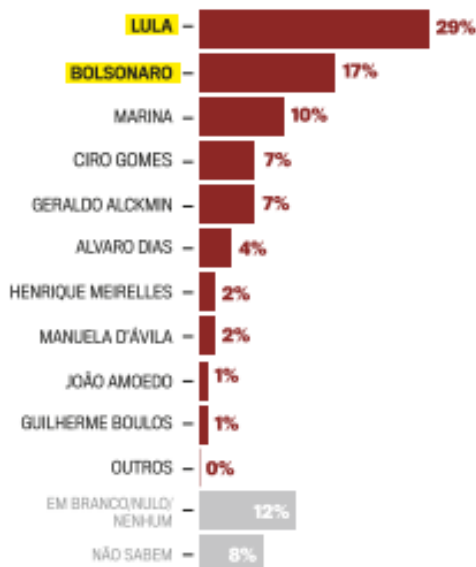
INTENÇÃO DE VOTO

LULA E BOLSONARO LIDERAM EM VOTO ESPONTÂNEO E ESTIMULADO

| ESPONTÂNEO |



| ESTIMULADO |



Nas páginas seguintes, VEJA apresenta os resultados de uma pesquisa realizada pelo Ideia Big Data, que ouviu 2 036 eleitores em todo o país entre 20 e 23 de julho. Há dois fenômenos na massa de números. O primeiro mostra que o ex-presidente Lula continua com uma força eleitoral extraordinária. Além de liderar a pesquisa mesmo na cadeia — tem 29% dos votos —, Lula poderá indicar qualquer nome em seu lugar, e seu poste já começa a disputa com 9%, um índice que, dada a enorme fragmentação de candidatos, é bastante competitivo. O segundo fenômeno é Jair Bolsonaro, o candidato que não tem partido grande, nem aliados fortes, nem dinheiro, nem tempo de TV, mas permanece firme e forte — e ainda apresenta um leve crescimento na intenção de voto espontânea, um indicador que demonstra o bom nível de convicção do seu eleitorado.

O peso de Lula na eleição não é exatamente uma novidade, ainda que possa surpreender num pleito em que a corrupção aparece como um dos temas mais caros ao eleitorado nacional, mas a solidez crescente de Bolsonaro, essa sim, põe o país diante de um novo desafio. Bolsonaro é um político profissional — está na área há trinta anos e exerce seu sétimo mandato como deputado federal — com uma atuação singularmente inexpressiva. Esteve, nesses anos todos, perdido no baixo clero do Congresso, e só se destacava, de vez em quando, por declarações em que fazia questão de mostrar-se duro ou debochado com gays, negros, mulheres, imigrantes e tudo o que diz respeito a direitos humanos. Nesse aspecto, a eleição de Bolsonaro seria um enorme retrocesso.

Talvez sua característica mais desanimadora seja ter construído uma carreira política defendendo ideias econômicas que agora insinua renegar. Bolsonaro sempre foi um estadista, simpático ao protecionismo comercial, desconfiado do capital estrangeiro. Agora, sob a orientação do economista Paulo Guedes, seu assessor econômico e futuro ministro da Fazenda em caso de vitória, ele tenta apresentar-se como outro. Fala em privatização e até defende uma reforma da Previdência, da qual era contra, mas foge do debate econômico. Diz que não entende do assunto, que se cercará dos melhores nomes — algum candidato diz que se cercará dos piores? — e encerra a questão. Nesse aspecto, a eleição de Bolsonaro seria uma incógnita.

Sendo um retrocesso na área de comportamento e uma incógnita no campo econômico, Bolsonaro é uma ameaça real e crescente. Seu eleitorado — o grosso nascido depois de 1985, já na democracia — ainda consiste em uma porção minoritária da população. Nada menos que 43% dos brasileiros, diz a pesquisa do Ideia Big Data, ainda não têm candidato. O futuro do país está nas mãos deles. ■



DOIS DÍGITOS Bolsonaro: há um ano, ele tinha 8% de intenções de voto espontâneas. Hoje está com 14%

...E NÃO ERA BOLHA

Sem apoio de partidos, dinheiro nem tempo de TV, Bolsonaro cresce nas pesquisas e demonstra ter musculatura para ser competitivo no segundo turno **ANA CLARA COSTA**

NA PRIMEIRA VEZ em que Jair Bolsonaro bateu nos 8% de intenções de voto, ombreando com veteranos como o tucano Geraldo Alckmin e o pedetista Ciro Gomes, a maioria dos analistas disse que sua candidatura à Presidência da República não passava de uma bolha que o vento se encarregaria de levar. Quando o ex-capitão do Exército chegou aos dois dígitos, os mesmos analistas afirmaram que ele havia batido no teto e, daí em diante, a gravidade se encarregaria de colocá-lo em seu devido lugar. Na última semana, no entanto, Bolsonaro — que oficializou sua candidatura pelo PSL sem vice, sem coligação e sem dinheiro — mostrou que, contrariando vaticínios, desejos e esconjuros, continua de pé, e crescendo. A

pesquisa realizada pela Ideia Big Data, encomendada por VEJA, revela que Bolsonaro está se consolidando como líder no primeiro turno — na hipótese eleitoral mais provável, em que o ex-presidente Lula não concorre — e é, nesse mesmo cenário, o candidato com mais chances de chegar ao segundo turno.

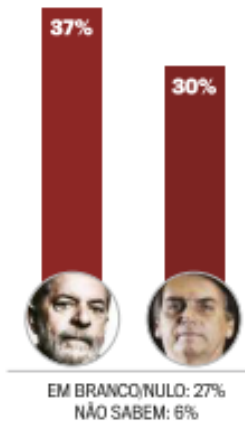
No último levantamento do instituto Datafolha, divulgado em junho, Bolsonaro tinha 17% dos votos. Agora, na pesquisa da Ideia Big Data, que adota os mesmos critérios do Datafolha, de tal modo que as pesquisas são tecnicamente comparáveis, Bolsonaro mantém os mesmos 17%, mas cresce na intenção de voto espontânea — em que o entrevistado revela em quem pretende votar sem que o en-

EM ASCENSÃO

Em relação a pesquisas anteriores, Bolsonaro melhora seu desempenho no segundo turno — mas ainda perde para Lula

SEGUNDO TURNO

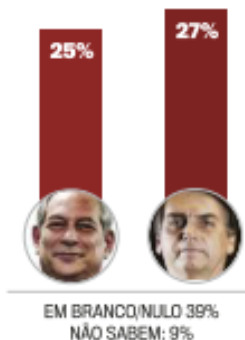
LULA X BOLSONARO



O que favorece esse cenário - Numa eleição em que o centro não empolga, candidaturas que representam campos opostos podem acabar agregando as demais

O que desfavorece esse cenário - A indefinição sobre o candidato petista torna incerta a real capacidade de transferência de votos de Lula. Já Bolsonaro tem contra si uma parca estrutura de campanha e a rejeição das mulheres

CIRO X BOLSONARO



O que favorece esse cenário - Se a candidatura petista naufragar, Ciro é o nome mais provável para ocupar o campo da esquerda, polarizando com Bolsonaro

O que desfavorece esse cenário - Ciro tem dificuldade em reverter a rejeição devido ao seu comportamento intempestivo e ao discurso antimercado, o que pode deixá-lo fora do segundo turno

trevistador tenha lhe apresentado opção alguma. Nesse caso, Bolsonaro marca 14%, 2 pontos a mais do que na última pesquisa do Datafolha. É uma posição relevante quando se sabe que, entre os candidatos (exceção feita a Lula), nenhum alcança mais que 2% de intenção de voto espontânea no eleitorado. Nesse quesito do voto espontâneo, Bolsonaro rivaliza com Lula, que tem 17%, o que é um resultado e tanto. Afinal, Lula participa da corrida presidencial há três décadas, e Bolsonaro acabou de entrar.

A preferência pelo deputado, medida pelo voto espontâneo, exibe crescimento consistente desde o início do ano. Há um ano, ele contava com 8%, de acordo com o Datafolha. No mesmo período, Lula marcava 15%, mas caiu para 13% em abril, depois de ser preso. A volta do petista ao patamar de 17%, afirma Maurício Moura, diretor da Ideia Big Data, pode ser atribuída às recentes movimentações de membros do Judiciário em favor de sua soltura. “Qualquer evento que envolva mais ruidosamente o ex-presidente aciona a memória e a convicção de sua base eleitoral”, diz.

O avanço de Bolsonaro também é notado em praticamente todos os cenários de segundo turno, à exceção daquele em que seu nome é confrontado com o de Lula — nesse caso, o petista ganharia com folga, por 37% a 30%. Até junho, o Datafolha mostrava que Bolsonaro perderia no confronto com todos os candidatos, menos Fernando Haddad, do PT paulista. A nova pesquisa da Ideia Big Data revela que ele melhorou seu desempenho. Agora, Bolsonaro empata, dentro da margem de erro de 2 pontos para cima ou para baixo, com todos os candidatos.

Aos que torcem para a realização da profecia de que a candidatura do ex-capitão do Exército vai murchar tão logo comece o horário eleitoral na TV (malsucedido nas coligações, ele tem ínfimos sete segundos diários de propaganda), a pesquisa reserva dois jatos de água fria. Um levantamento feito pelo instituto com eleitores de São Paulo e do Rio de Janeiro mostrou que o que já foi crucial para uma campanha eleitoral pode não ser mais tão relevante: em 2008, a audiência das inserções em horário nobre rendia, em média, 25 e 22 pontos nas duas capitais, respectivamente. Em 2016, caiu para 7 e 6 pontos.

Bolsonaro conta ainda com outro fator capaz de minimizar sua desvantagem na TV: a baixa vulnerabilidade de seus eleitores a essa plataforma. A pesquisa encomendada por VEJA revela que o eleitorado do ex-capitão da reserva é o único majoritariamente formado por pessoas com nível superior, jovens (de 16 a 34 anos) e com renda superior a quinze salários mínimos. Essa é a fatia de eleitores mais propensa a consumir informações via grupos de WhatsApp, redes sociais e sites na internet — e não pela TV. O deputado é, dos principais candidatos, o que

SEM MARQUETEIRO, MAS COM “MARQUETÓLOGO”

Jair Bolsonaro jacta-se de não precisar de marqueteiro. Há uma semana, questionado se contrataria um profissional da área para sua campanha, o deputado voltou a ser taxativo: “Não vou. Por que eu vou querer marqueteiro para sete segundos de TV?”. Desde maio, no entanto, sua pré-campanha conta com os serviços de uma empresa de comunicação especializada em eleições. Dono da agência 9ideia, de João Pessoa, na Paraíba, **Lucas Salles**, de 55 anos, estava preparado para fazer a campanha de Julio Lossio, candidato da Rede ao governo de Pernambuco, até que recebeu o convite para trabalhar para Bolsonaro. Em entrevista ao repórter Gabriel Castro, da sucursal de VEJA em Brasília, Salles diz que escolheu o mote da campanha, produziu o jingle e está bolando a estratégia para aproveitar de “maneira surpreendente” os dois programas diários de TV de três segundos e meio de duração cada um. Ele, porém, faz uma ressalva: não é marqueteiro, cujo termo abomina. “Usa-se marquetólogo”, explica.

Como o senhor foi para a campanha de Bolsonaro?

Fui levado a Brasília pelo Julian Lemos (vice-presidente do PSL) há cerca de dois meses. No gabinete, logo que me sentei, o deputado Bolsonaro perguntou: “Você está preparado para a missão?”. Respondi que estava absolutamente preparado para trabalhar em uma campanha presidencial. Disse isso por causa da minha história. Venho trabalhando com vereador, deputado estadual, federal, prefeito e governador. Eu me sinto preparado para o desafio.

Não é curioso trabalhar para um candidato que diz não precisar de marqueteiro?

Ele me disse que não gosta de marqueteiros. Eu respondi: “Somos dois”. Não sou marqueteiro. Estou há anos trabalhando para desconstruir esse termo, que é pejorativo. Usam-se marquetólogo, profissional de marketing ou consultor político. O marketing é ciência. A gente faz análise do cenário, das propostas, do candidato, do programa de governo. E equaciona a comunicação da forma mais verdadeira possível.

O que é preciso corrigir no candidato Bolsonaro?

Não vou mudar nada, não vou fazer nenhuma perfumaria. Ele será apresentado em sua essência. Uma das coisas que ele me disse foi: “Eu não quero que me mude”. As pessoas buscam essa autenticidade. Quem tentar mexer com isso não vai conseguir e ele não vai aceitar, porque chegou aonde está assim.

Qual será o mote da campanha?

Nas nossas conversas, ele falava muito da verdade. Então, nós chegamos a “Muda Brasil de verdade”, que já usamos na convenção. O jingle traz o mesmo conceito. Tem gente trabalhando o tempo todo para desconstruir a imagem dele. Nosso trabalho vai ser apresentar Bolsonaro e repor a verdade.

Ele precisa moderar o linguajar?

Essa é uma decisão pessoal dele. O Bolsonaro já foi assimilado pelo povo brasileiro. Cada vez mais, as pessoas compreendem que ele é verdadeiro, fala o que pensa e não mede as palavras. É tudo muito natural.

O que dá para fazer em três segundos de TV?

Não posso falar da estratégia. Por enquanto é sigilosa. Mas vamos otimizar o tempo da forma mais criativa possível. As novas regras favorecem quem se posicionou mais cedo. Há alguns anos, cerca de 70% dos eleitores decidiam o voto com base na propaganda eleitoral na TV. Hoje, fala-se em 30%. As redes sociais serão muito importantes.

Quanto vai custar o marquetólogo do Bolsonaro?

Não tenho essa resposta. A gente vai trabalhar com os recursos disponíveis. Fui criado na adversidade, no Nordeste. Aqui tudo é mais difícil. Isso nos estimula a trabalhar mais o lado da inovação e da criatividade.

Qual o tamanho da sua equipe?

Eram dezesseis pessoas. Duas pediram demissão quando começamos a trabalhar com Bolsonaro. Alegaram desconforto.

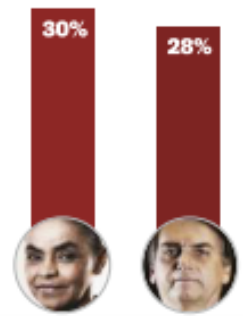


O CENTRO NO ALVO

Bolsonaro ainda aparece atrás no segundo turno, mas agora a distância está dentro da margem de erro

SEGUNDO TURNO

MARINA X BOLSONARO

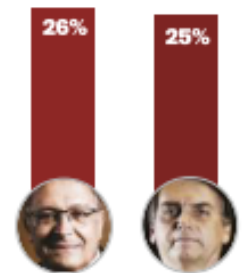


EM BRANCO/NULO: 34%
NÃO SABEM: 8%

O que favorece esse cenário - A candidata da Rede, em segundo lugar nas pesquisas, aparece como a principal beneficiada num cenário sem Lula. Ela também pode reunir todos os votos do centro

O que desfavorece esse cenário - Com pouco tempo de TV, sem coligações e sem dinheiro para campanha, Marina pode ver sua candidatura naufragar como nos anos anteriores e ficar fora do segundo turno

ALCKMIN X BOLSONARO



EM BRANCO/NULO 40%
NÃO SABEM: 9%

O que favorece esse cenário - O tucano tem o maior tempo de TV, o maior número de partidos aliados e 70 milhões de reais do fundo eleitoral para financiar sua campanha

O que desfavorece esse cenário - Alckmin estacionou nos 7% e tem pouco mais de trinta dias para derrubar seu principal adversário no campo conservador, Bolsonaro

ostenta mais seguidores no Facebook, Instagram e Twitter: 7 milhões — quase o dobro do que tem Lula.

Contra a tese de que bateu no teto, há outra, bem mais favorável ao deputado — a de que ele ainda contaria com uma quantidade de “votos envergonhados”. São assim chamadas as escolhas dos eleitores que, em pesquisa presencial, ficam constrangidos com a opção pelo ex-capitão. Em pesquisas telefônicas, e sobretudo na solidão da urna, esses eleitores não escondem o voto em Bolsonaro. Moura vê indícios de que o fenômeno pode estar ocorrendo — e pode ser mais forte entre as mulheres, cuja antipatia ao candidato é hoje seu maior problema. De todos as pessoas que responderam à pesquisa, 28% dos homens disseram votar em Bolsonaro, enquanto, no caso das mulheres, apenas 11% deram essa resposta. Moura, mestre em ciências políticas pela Universidade George Washington, lembra que o “voto envergonhado” foi uma das variáveis ignoradas em 2016 por institutos de pesquisa dos Estados Unidos, que não foram capazes de antecipar a vitória de Donald Trump.

Bolsonaro nunca ocultou sua admiração pelo presidente americano, com quem gosta de se comparar. Ao contrário do brasileiro, no entanto, que reina no eleitorado mais escolarizado, Trump garantiu a vitória com os votos de eleitores com nível mais baixo de instrução nos cinturões do desemprego nos Estados Unidos. Ganhou a disputa prometendo “grandeza nacional”. Já Bolsonaro direciona seu arsenal retórico para a segurança pública e a denúncia da corrupção. Em 2015, 5% dos brasileiros consideravam o combate à criminalidade uma questão importante na hora de escolher seu candidato. Hoje, essa porcentagem mais que dobrou: é de 11%. Quanto à corrupção, o índice subiu de 15% para 31%.

Mas os pontos a favor de Bolsonaro não atenuam a altíssima rejeição ao seu nome — 28% dizem não votar nele de jeito nenhum (Lula é rejeitado por 31%). Mesmo assim, Bolsonaro tem se negado a suavizar o discurso. Teme que, ao mirar a queda da rejeição e a conversão de votos indecisos — cerca de 61 milhões de brasileiros ainda não sabem em quem votar —, termine frustrando os eleitores cativos. Sua estratégia é manter o discurso radical e apostar na fragmentação do centro para chegar ao segundo turno ao lado de, preferencialmente, um candidato petista indicado por Lula. Se isso ocorrer, suas chances de vitória tenderão a subir, dado que a eleição ganhará contornos de um plebiscito sobre a volta, ou não, do PT ao poder — e, para Bolsonaro, nada é melhor do que não estar no centro do palco. O embate entre seu nome e o de Haddad, em que o petista perderia (com 15%, contra 31% de Bolsonaro), demonstra que, sem Lula, os eleitores não estão dispostos a resgatar a herança do partido. Bolsonaro, portanto — um candidato que representa um nicho radical minoritário da população —, tem possibilidades reais de tornar-se presidente do Brasil. E isso é sério. ■

ANEXO C - VEJA: A FACADA DA INTOLERÂNCIA

HORA DO CRIME A foto do alto mostra o exato instante em que Bolsonaro leva uma facada na região do abdômen. Acima, o agressor está recolhendo a faca (no círculo amarelo) e o candidato protege a barriga com a mão esquerda



O AGRESSOR Oliveira, preso em flagrante, escrevia postagens radicais sobre o deputado nas redes sociais

A FACADA DA INTOLERÂNCIA

Em campanha em Juiz de Fora, Bolsonaro é alvo de um ataque perpetrado por um servente de pedreiro. É o exemplo dramático da radicalização que tomou conta da política

EDUARDO GONÇALVES E EDOARDO GHIROTTI

Diante de uma multidão reunida na região central de Juiz de Fora, depois das 15 horas de quinta-feira, Jair Bolsonaro repetia uma cena corriqueira em sua rotina de campanha: carregado nos ombros por quatro homens, fazia sinal de positivo para sua militância, que gritava palavras de ordem em apoio ao presidente, hoje líder isolado nas pesquisas de intenção de voto. Bolsonaro aparentava satisfação em estar no meio de seus potenciais eleitores, quando seu rosto adquiriu feições de dor. A transformação em seu semblante foi

causada pelo servente de pedreiro Adelio Bispo de Oliveira, 40 anos, que alcançou o deputado em meio ao povo e, atacando pelo lado direito, desferiu-lhe uma facada na altura do abdômen.

Antes de atingir seu alvo, Oliveira teve o braço levemente desviado por um apoiador que percebeu de imediato suas intenções. O desvio, contudo, não foi suficiente para impedir que a faca alcançasse a barriga do capitão da reserva. Bolsonaro vergou de dor, pôs a mão no local do ferimento e foi imediatamente carregado para uma viatura que acompanhava o grupo e conduzido para a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. Policiais fe-

derais que faziam sua escolta prenderam Oliveira em flagrante.

Bolsonaro vestia uma camiseta amarela com os dizeres "Meu partido é o Brasil". Ele transpirava, ainda que a temperatura na cidade não ultrapassasse os 24 graus. Levado ao hospital com pressão baixíssima (10 por 3), foi atendido de imediato e encaminhado ao setor de ultrassonografia, onde se detectaram perfurações no intestino. O deputado federal Marcelo Álvaro Antonio, presidente do PSL de Minas Gerais, o acompanhava. Bolsonaro foi levado ao centro cirúrgico e passou por uma laparoscopia, para identificar a extensão das lesões. Depois do exame



PONTAPÉ Bolsonaro, chutando o pixuleco em ato de campanha: clima de polarização não leva um país a bom porto

mais detalhado, constataram-se perfurações na artéria mesentérica (que irriga o intestino) e nos intestinos grosso e delgado. Uma cirurgia foi feita para suturar os ferimentos. No começo da noite, o procedimento já se encerrara e o quadro de Bolsonaro era estável. Quando VEJA fechou esta edição, o candidato permanecia em observação no CTI, sem risco iminente de morte.

Oliveira, natural de Montes Claros, cidade no norte do estado, foi filiado ao PSOL até 2014, e publicava opiniões majoritariamente radicais em sua página no Facebook. Seus alvos preferidos eram Bolsonaro, o governo Temer e a maçonaria, entidade à qual ele se referia como “direita maçônica” ou “conspiração maçônica”. Oliveira criticava a conduta do deputado afirmando que ele era um “traidor da pátria”. Em 16 de julho, postou um vídeo em que chamava Bolsonaro de “traidor Judas” e pedia “pena de morte”

por ele “entregar a Amazônia aos Estados Unidos”.

No começo da campanha, Bolsonaro insistia em vestir um colete de proteção por medo de atentado. Mas, nos últimos tempos, havia desistido de usá-lo porque passara a se sentir mais seguro depois de receber a escolta da Polícia Federal durante a campanha — o que é prática comum da PF quando se trata de candidatos à Presidência da República. Mas nem sempre foi assim. Desde que oficializou sua pré-candidatura, ele vinha recebendo sucessivas ameaças, conforme revelou uma reportagem de VEJA publicada em junho deste ano. Bolsonaro deixou de frequentar lugares movimentados, de ir à praia, e passou a evitar até visitas à padaria. Quando saía, levava sempre duas pistolas automáticas no coldre.

A violência política, em geral, decorre de uma combinação perversa em

que a radicalização ideológica encontra um militante disposto a tudo ou portador de algum tipo de desequilíbrio mental. A esse respeito, até agora, nada se sabe sobre Oliveira, mas quanto à radicalização do ambiente político não há dúvida. Nos Estados Unidos, que, ao contrário do Brasil, são um país com tradição de atentados políticos, a era de maior violência foi justamente a década de 60, quando a polarização era intensa. Havia a luta pelos direitos civis e pela igualdade racial. Em 1963, o presidente John Kennedy foi assassinado em Dallas. Em 1968, seu irmão Bob Kennedy também foi morto quando fazia campanha presidencial pelo Partido Democrata. No Brasil, o atentado mais dramático, por suas consequências pesadíssimas para os autores e para o próprio país, aconteceu em 1954, na Rua Tonelero, no Rio de Janeiro, contra o opositor Carlos Lacerda. Ele saiu ferido no pé e aproveitou

tou o episódio para incendiar o país — que logo conviveria com o suicídio de Getúlio Vargas, cujo auxiliar estava envolvido no crime. Agora, a situação é inteiramente diferente, mas um ataque é sempre um trauma para um país que quer fazer política num ambiente civilizado.

Ainda é cedo para medir as repercussões do episódio na corrida presidencial. O caso pode consolidar votos para Bolsonaro, ao reafirmar a certeza dos seus eleitores de que ele é o candidato que o Brasil precisa eleger — ou mesmo conquistar eleitores que venham a se compadecer de seu sofrimento. Mas também pode afugentar aqueles com receio de prestigiar uma figura política que causa tamanha polarização.

Uma vítima é sempre uma vítima, mas não se pode abstrair do fato de que uma vítima é também responsável pelo ambiente que ela própria ajuda a criar. Nisso, Bolsonaro tem uma penitência a fazer. Com sua linguagem insultuosa e ofensiva a minorias e adversários políticos, combinada com seu elogio constante às soluções violentas, o candidato faz um convite irresponsável à exacerbação dos ânimos. Quando o ônibus da caravana de Lula no sul do país foi alvo de tiros, Bolsonaro não condenou o ato criminoso. Ao contrário: ironizou e disse que era armação do PT. Agora, seus adversários políticos vieram a público — civilizadamente — condenar a agressão inaceitável de que Bolsonaro foi vítima. É como se deve proceder numa democracia. Se o atentado de Juiz de Fora deixa alguma lição útil ao país, é esta: o extremismo e a radicalização nunca levarão um país a bom porto. ■

Com reportagem de
Fernando Molica

DE PERNAS LONGAS

Uma vez consentida, a mentira é obra difícil de demolir

O PROBLEMA da mentira não é tanto o mentiroso, pois a ele cabe apenas sustentar a invenção adicionando ponto sobre ponto ao próprio conto conforme a conveniência. Mais complicada é a situação de quem trata com condescendência a mentira na ingênua fé de que a verdade é submissa ao poder soberano dos fatos. Nem sempre.

Disso vem dando notícia o PT desde que assumiu a Presidência qualificando de “herança maldita” o legado da estabilidade econômica, enquanto se preparava para aderir ao festim diabólico da roubalheira patrocinado havia décadas por seus novos companheiros de uma jornada cuja meta seria a formação de um consórcio de poder perpétuo.

De memória fraca, a maioria ignorou um fato: o ambiente estável foi uma conquista coletiva, decorrente da adesão do país a um plano que o governo sozinho não teria dado conta de executar. Inexperiente no exercício do cotejo entre palavras e atos de seus governantes, ficou indiferente às incongruências factuais, preferindo ser feita de boba pelo falatório diário conversor de mentiras pela via da repetição.

Assim, sob consentimento quase geral, operou Lula durante anos, antes e depois do poder. Daí não é de surpreender a capacidade do PT de não apenas se adaptar às vicissitudes como tirar bom proveito delas. A mentira é obra que se constrói com muita facilidade. Difícil de destruir, entre outros motivos porque tem como alicerce a desonestidade. O trapaceiro não tem compromisso com a regra; já larga no lucro quando é aceito no jogo, e na dianteira fica em relação

aos demais que atuam dentro de restrições legais, morais, educacionais, sociais e/ou institucionais.

Eis a razão pela qual Lula e o PT permanecem no centro da cena política apesar de todos os pesares: falta de escrúpulos. Contra o desrespeito deslavado às leis, a afronta a decisões judiciais e a ausência total de espírito público pouco há que fazer além de aguardar que o tempo dê seu jeito. São tão emaranhados e erráticos os caminhos do fingidor que uma hora termina prisioneiro do próprio labirinto.

Lula e o PT montaram esse tipo de

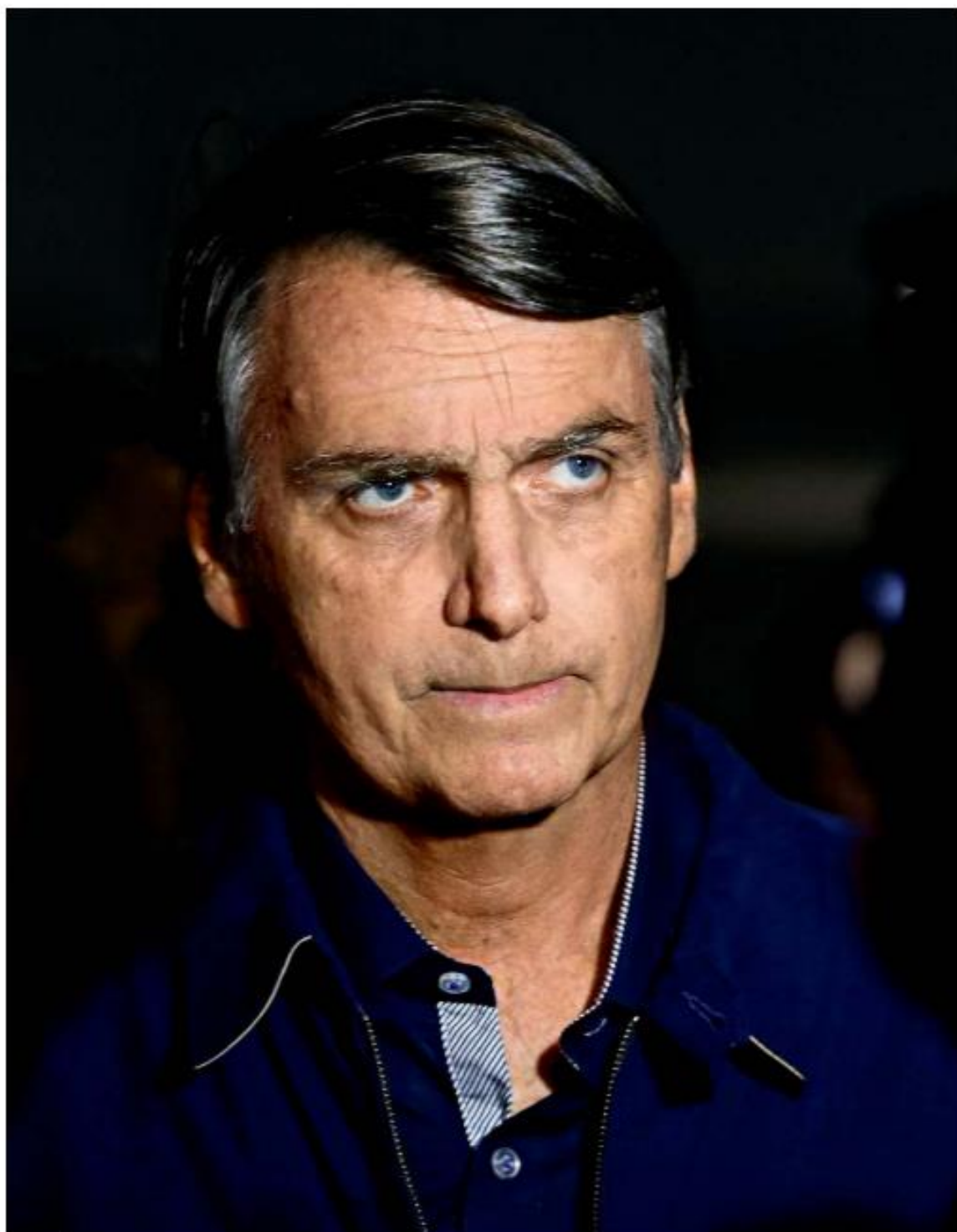
armadilha e seguem na direção dela. Mas como, se fazem o maior sucesso? Digo como: apostando tudo na sobrevivência da fama de uma pessoa e confessando, assim, que o partido só tem um ativo; com isso deixando de investir nas eleições estaduais e parla-

mentares, o que equivale ao enfraquecimento da legenda e consequente perda de importância no jogo político.

O petismo já largou a ponta da toalha, pois só quem se dá por perdido admite correr tantos riscos. Quais sejam, os de perder espaço no horário eleitoral, ficar reduzido a representação irrisória no Congresso, transformar a preferência nas pesquisas numa montanha de votos nulos por insistência em candidatura nula de origem, passar à história como campeão de derrotas na Justiça e, o risco maior de todos, ganhar a eleição sem ter como cumprir a promessa de fazer “o Brasil feliz de novo”.

Essa canoa já virou, e foi a benevolência geral para com os caprichos autorreferidos do PT o que a fez virar. ■



ANEXO D - VEJA: SERÁ ISSO MESMO?

O FENÔMENO Bolsonaro: com 49 milhões de votos, o deputado é o primeiro líder de direita desde Carlos Lacerda

E AGORA, BOLSONARO?

O candidato do PSL larga com 16 pontos de vantagem sobre Haddad, mas os percalços que tem pela frente não são poucos nem pequenos – a começar pelas discordâncias em sua equipe

EDOARDO GHIOTTO

Jair Bolsonaro não ganhou só o primeiro turno das eleições em 7 de outubro. O ex-obscuro deputado, sem dinheiro e sem partido forte, conquistou um recorde de 49 milhões de votos (o anterior era da ex-presidente Dilma Rousseff, com 47,5 milhões), quebrou uma polarização eleitoral de 24 anos entre PT e PSDB e transformou sua diminuta legenda, o PSL, na segunda maior da Câmara dos Deputados — de oito cadeiras, saltou para 52 e deve crescer à sombra do oportunismo dos que não aguentam ficar longe do poder. Não há dúvida de que Bolsonaro é um fenômeno político de uma magnitude que o Brasil não via desde Lula. O que ele fará com a notoriedade e a confiança que mereceu até agora de quase 50 milhões de brasileiros é que são elas.

Os percalços à frente não são poucos nem pequenos. Começam pelas discordâncias cada vez mais públicas com seu apontado ministro da Economia, Paulo Guedes, e seguem com as reiteradas mostras de amadorismo de

sua equipe. Pouco antes do primeiro turno, uma briga em um grupo de WhatsApp entre o general Augusto Heleno, confirmado como seu ministro da Defesa, e o advogado Gustavo Bebianno, fiel escudeiro do candidato e seu hipotético ministro da Justiça, chamou atenção pelo nível de decibéis que alcançou. Desconfiado de que o general passara informações estratégicas da campanha à imprensa, Bebianno disparou mensagens raivosas pelo aplicativo e, em telefonemas para integrantes do grupo, acusou Heleno de “traidor”. O grupo em que a desavença se deu chama-se “Selva” (referência a um tradicional cumprimento militar) e foi criado enquanto Bolsonaro estava internado. O deputado, portanto, não acompanhou mais essa briga entre assessores. Segundo um colaborador, ele às vezes dá mostras de se sentir como “barata tonta” em meio à cacofonia e às rixas.

Foi, contudo, do próprio deputado que partiram desta vez os primeiros tropeços da nova fase da campanha. Não por coincidência, eles novamente tiveram origem em discussões sobre

economia — matéria tão familiar para Bolsonaro quanto a natureza intrínseca das partículas subatômicas. Diante de uma movimentação do governo de Michel Temer no intento de votar uma fatia da reforma da Previdência ainda em 2018, o candidato do PSL se antecipou. “A reforma do Temer dificilmente será aprovada”, afirmou, sugerindo que, se ganhar, seu governo apresentará um projeto mais palatável ao Congresso. “Não adianta uma proposta que, aos olhos apenas de economistas e alguns políticos, é maravilhosa.” O mercado estrilou. A bolsa caiu, o dólar subiu. O mercado também torceu o nariz quando Bolsonaro disse que não apoiaria a privatização da Eletrobras. Novamente, a reação foi imediata, com queda nas ações das estatais e desvalorização do real.

A afirmação fez a equipe econômica de Paulo Guedes engolir em seco. Ela prepara um plano radical de privatizações da ordem de 1 trilhão de reais, contando com a venda integral da central geradora de energia no primeiro semestre de 2019 (*veja a reportagem na pág. 44*). As falas de Bolso-

naro não refletem ideias novas. Desde que passou a flertar com Guedes, deixou claras suas restrições à reforma da Previdência e disse que centrais geradoras de energia devem pertencer ao Estado. “Setor estratégico não se privatiza. Nos Estados Unidos, é o Exército que cuida das hidrelétricas”, disse Bolsonaro em entrevista a VEJA há um ano. A reação tardia do mercado às suas propostas mostra que só agora o risco econômico de Bolsonaro começa a ser precificado.

À medida que as divergências econômicas entre ele e Guedes ficam mais visíveis, Bolsonaro tem sido aconselhado a só tratar publicamente de temas gerais da campanha. Fez silêncio, por exemplo, quando o jornal *Folha de S. Paulo* noticiou que o Ministério Público Federal havia aberto uma investigação sobre Guedes para apurar suspeita de fraude na gestão de fundos de pensão. Ele é suspeito de ter captado, junto aos fundos de pensão, cerca de 400 milhões de reais ao longo de quatro anos para investir em um fundo de sua gestora. Contudo, sua empresa teria recebido logo de cara um porcentual sobre os aportes futuros dos fundos de pensão, e não sobre o dinheiro que havia sido investido. A operação levantou a suspeita de fraude. Guedes também teria emitido e negociado títulos sem lastro ou garantias ao investir recursos de sete fundos, entre eles a Previ, o Petros, a Funcef, o Postalis e o BNDESPar. Segundo suspeita do MP, ele teria feito as transações junto com executivos ligados ao PT e ao MDB, partidos que loteavam os fundos. Em nota, Guedes negou malfeitos e afirmou que a investigação causa perplexidade e tem apenas o objetivo de “confundir o eleitor”.

Bolsonaro também evitou até onde pôde falar das agressões perpetradas por seus apoiadores desde o dia 7 — tendo a mais grave delas culminado no assassinato de um mestre de capoeira na Bahia (*leia a Carta ao Leitor, na*



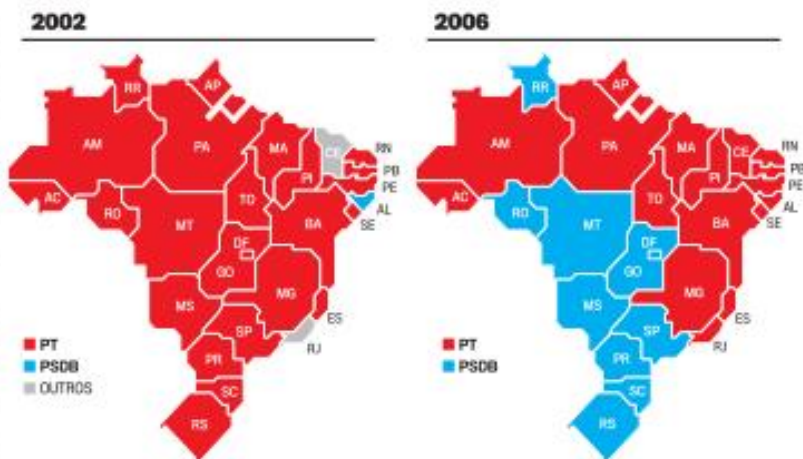
ANTI-BOLSONARO Protesto de Waters: boa parte da plateia vaiou

pág. 8, e a reportagem na pág. 66). Entre as manifestações mais ruidosas, ganhou destaque o show em São Paulo do guitarrista Roger Waters, em que uma manifestação do artista contra Bolsonaro fez a plateia explodir em vaias, xingar-se mutuamente e a Waters. Só na noite de quarta-feira Bolsonaro de-

cidu falar sobre a violência de seus apoiadores com um pouco mais de ênfase. Mas, em vez de um pronunciamento condenando as agressões, preferiu o estilo Donald Trump e recorreu ao Twitter: “Dispensamos voto e qualquer aproximação de quem pratica violência contra eleitores que não votam

O PSL SUBSTITUI O PSDB E VAI ALÉM

Bolsonaro se apoderou de todos os redutos tucanos e desbancou o PT em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul e na maior parte da Região Norte



UM TRIO BARULHENTO



ANDRÉ VALENTIM



MARCOS RAMOS/AGÊNCIA O GLOBO



WALTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

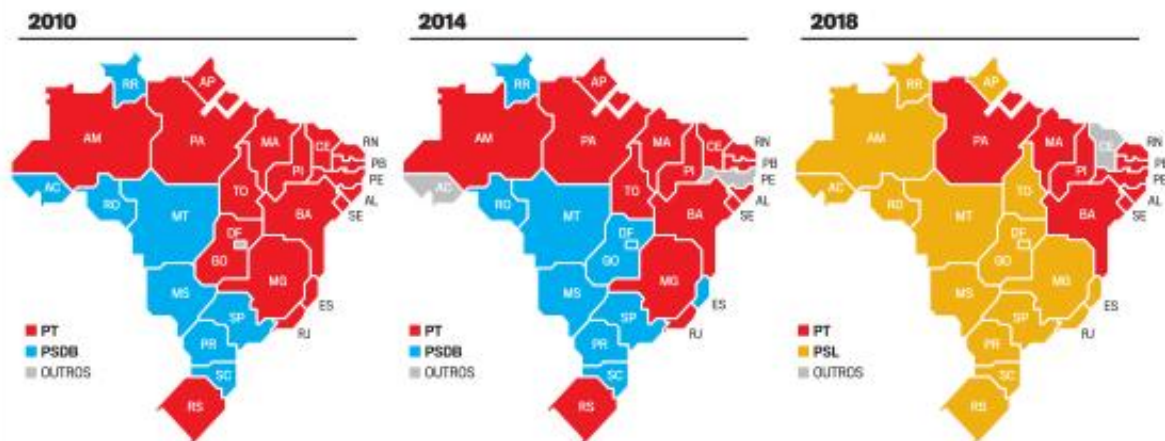
NÚCLEO BELICOSO Se Bolsonaro vencer, o liberal Paulo Guedes (à esq.) assumirá a economia, mas já tem discordâncias públicas com o chefe sobre privatizações e a reforma da Previdência. Gustavo Bebianno (no centro), cotado para a Justiça, e o general Augusto Heleno vivem às turras no WhatsApp da campanha — o primeiro também trombou com os filhos de Bolsonaro. O último bate-boca foi sobre a participação de Bolsonaro nos debates: Bebianno não queria o candidato sob os holofotes

em mim". É pouco para um político que está às portas da Presidência e precisa, para o bem coletivo, encontrar um meio de pacificar o país. Sua ausência nos debates — os primeiros já foram cancelados por ordem médica, o que caiu como uma luva para uma parte da equipe que não queria o candidato ex-

posto à discussão de ideias — não ajuda em nada para esclarecer dúvidas e serenar os ânimos. O deputado tem gravado vídeos que reaproveitam as mensagens da versão bolsonarista da “Carta aos brasileiros”, escrita pelo general Augusto Heleno. Com pegada “motivacional”, eles pregam a “união do país”

mas exploram o sentimento antipetista. Bolsonaro também fará vídeos para as mulheres e os nordestinos.

Se, em 28 de outubro, sair vitorioso, como apontam as pesquisas — o último Datafolha deu ao candidato do PSL 16 pontos de vantagem sobre o petista Fernando Haddad nos votos





EX-“PLAYSSON” Eduardo Bolsonaro: divulgando montagem nas redes

O ZERO TRÊS

Dos 39 projetos de lei que Eduardo Bolsonaro, de 34 anos, apresentou desde que se tornou deputado federal pela primeira vez, em 2015, dez têm relação com o uso de armas. O mais recente, que aguarda análise da mesa diretora da Câmara, propõe que cidadãos que tenham porte de arma possam entrar com ela em aviões. Outro, já aprovado na Comissão de Segurança Pública, prevê que o governo empreste uma arma de fogo a quem tiver a sua apreendida em razão, por exemplo, de uma investigação por disparo em legítima defesa.

A arma que Eduardo carrega na cintura é uma Glock 17, de 9 milímetros. Por ser ex-escrivão da Polícia Federal, ele tem permissão para andar com a pistola. Entre 2010 e 2014, o filho de Jair Bolsonaro, e agora o deputado federal mais votado do Brasil (obteve 1,8 milhão de votos e já pensa em disputar a presidência da Câmara), atuou em Rondônia,

na fronteira com a Bolívia, e no Aeroporto de Cumbica, sempre no controle de entrada de drogas.

Na juventude, com seu 1,89 metro, chegou a trabalhar como modelo da agência Elite. Mas gostava mesmo era de pegar onda em Ipanema e na Joatinga. Ele e o irmão Flávio eram conhecidos no circuito do surfe como “playssons”, gíria dos anos 2000 para designar meninos de classe média que não querem saber de namorar firme, gostam de ir para a “night” e exibir roupas de marca. Filho do primeiro casamento de Bolsonaro, assim como Flávio, o mais velho, e Carlos, o do meio, Eduardo foi vital na primeira fase da campanha do pai. Participou da coordenação ao lado do deputado Onyx Lorenzoni (DEM-RS), com quem sempre teve boa relação, e do advogado Gustavo Bebianno, com quem vivia às turras mas passou a se dar melhor depois do atentado ao candidato do PSL.

Além de cuidar dos contatos com aliados e colaboradores, Eduardo, ou Zero Três, como é chamado por Bolsonaro, desempenhou o papel de “animador” nas redes sociais. Invariavelmente com um celular na mão, fazia a “curadoria” de memes e vídeos produzidos em escala industrial pelos entusiastas do pai, apelidados de “bolsomnions”. O que passava pelo seu crivo era disparado para os quase 1000 grupos de WhatsApp que ele integra, que nem sempre primam pelo compromisso com a verdade, como demonstrou o ruidoso filme que ele espalhou no dia da eleição, em que aparece uma suposta fraude na urna que beneficiaria Fernando Haddad – e que mais tarde se revelou uma montagem.

Eduardo é solteiro, e seu caso mais rumoroso foi com a jornalista Patricia Lellis, ex-líder do núcleo jovem do PSC, seu ex-partido. Em 2017, Patricia registrou um boletim de ocorrência para relatar ameaças que teria recebido dele. Em abril, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, denunciou o deputado com base na gravação de conversas em que ele dizia a Patricia que ela se “arrependeria por ter nascido”. A procuradora pediu ao ministro Luis Roberto Barroso a condenação do deputado, além do pagamento de 50.000 reais de indenização.

Quem acredita em conversões radicais atribui a Eduardo ao menos parte da responsabilidade pela súbita mudança do pai, que era um estatista rematado e diz ter se tornado um liberal empenhado. Formado em direito, Eduardo fez pós-graduação no Instituto Mises, centro difusor do liberalismo em São Paulo. Por causa da campanha eleitoral, ainda não entregou seu trabalho de conclusão de curso, que já tem um título: “A privatização dos Correios”.

João Batista Jr.

válidos —, Bolsonaro, o primeiro líder de direita com aspirações presidenciais a surgir no Brasil desde Carlos Lacerda, terá o desafio de gerir um país politicamente fragmentado em proporções inéditas. A Câmara dos Deputados contará com representantes de trinta siglas e o Senado terá políticos de vinte (*leia a reportagem na pág. 48*).

A fragmentação é particularmente complicada para um eventual governo Bolsonaro, dado que o deputado mantém o discurso de que não vai formar maioria legislativa cedendo ao fisiologismo de sempre. “Um dos testes de Bolsonaro será demonstrar capacidade de construir uma base parlamentar a partir do fortalecimento do PSL. A alternativa, caso não consiga, seria governar com bancadas”, afirma o historiador José Murilo de Carvalho. Ocorre que as três frentes parlamentares próximas de Bolsonaro — os ruralistas, os armamentistas e os religiosos, conhecidos como a bancada BBB, em referência a “boi, bala e Bíblia” — perderam aproximadamente metade de seus membros.

O futuro ministro da Casa Civil, o deputado Onyx Lorenzoni (DEM-RS), aposta que Bolsonaro poderá iniciar o ano com mais de 300 parlamentares na base aliada — o que seria um feito para um político que entrou na eleição presidencial com apenas um partido nanico como aliado. Aconteça o que acontecer em 28 de outubro, Bolsonaro já se consagrou como um fenômeno político de dimensões superlativas. Agora, mais urgente do que saber o que foi responsável por sua criação é descobrir no que ela vai dar. ■

Com reportagem de
Roberta Paduan

FRAGILIDADE IDEOLÓGICA

Nem direita nem esquerda: o eleitor escolhe o que lhe é vantajoso

A ONDA DIREITISTA que varreu o Brasil junto com os efeitos do “antipetismo” arraigado nas almas brasileiras é a explicação recorrente e quase unânime para o desempenho exitoso de Jair Bolsonaro nesta eleição. Realmente é o que fazem supor as aparências. Mas não necessariamente é o que está depositado sob camadas menos aparentes da realidade ainda no aguardo de ser desvendadas.

Não tenho notícia de que o país fosse esquerdista em 2002 e assim tivesse se mantido pelos seguintes doze anos em que elegeu e reelegeu governantes do PT. Pelo critério das análises correntes, o brasileiro seria um povo muito volúvel. Foi de direita ao escolher Fernando Collor, aderiu ao centro quando elegeu Fernando Henrique duas vezes em primeiro turno, inscreveu-se na esquerda nas eleições e reeleições de Luiz

Inácio da Silva e Dilma Rousseff, e voltou-se de novo para o direitismo ao levar Bolsonaro agora à condição de campeão do primeiro turno em situação numérica e politicamente difícil (para dizer pouco) de ser modificada.

Em nenhuma dessas ocasiões esteve em jogo a ideologia. Na maioria, o eleitor é antes de tudo um pragmático. Não é esquerdista nem diretista, é governista quando isso evoca a obtenção de benefícios, e daí faz a escolha que lhe parece mais vantajosa como demonstra a fidelidade do Nordeste ao PT — misto de gratidão e crença de que o Brasil possa ser “feliz de novo” mediante a mágica de um toque na tecla da urna.

Minoritários, os eleitores ideológicos habitam as extremidades, embora

a média possa se comportar de maneira extremada quando pautada por turbulências mentais e emocionais. Duas eleições passadas foram, como esta agora, marcadas por boa dose de irracionalidade, algo comparado a uma “fé de manada” contra a qual não há argumento que dê jeito.

Fernando Collor já tinha sido um prefeito de Maceió e um governador de Alagoas nos moldes do que viria a ser na Presidência. No entanto, o eleitorado de 1989 não quis nem saber dos fatos, preferindo embarcar na simbologia do santo guerreiro. Fez o mesmo treze

anos depois, quando preferiu acreditar num PT artificialmente repaginado e adaptado pelo marketing às circunstâncias a esquadrinhar racionalmente o comportamento do partido (e também do líder, Lula) nas duas décadas anteriores.

Repete o padrão agora, ao conferir a Bolsonaro atributos extraordinários que ele não tem e poderes que a um presidente não são permitidos. O eleitorado se posiciona em reação àquilo que por várias vezes escolheu mediante critérios e crenças equivocadas. Aplica força semelhante, mas em sentido contrário. O efeito “fé de manada”, contudo, é o mesmo.

Tudo isso para um resultado, lamentavelmente, cumpre informar, também desastroso. Tenha o segundo turno o resultado que tiver porque, preceito coezinho da psicologia, não se pode errar sempre esperando que um dia o erro se configure em acerto por obra do espírito santo protetor dos seres desprovidos de juízo. ■



WALTERSON SANT'ANZI